



Cristina Ribeiro Teixeira Dantas

**Conjugalidade e parentalidade no
recasamento: narrativas das madrastas**

Tese de Doutorado

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Orientadora: Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Rio de Janeiro
Fevereiro de 2016



Cristina Ribeiro Teixeira Dantas

**Conjugalidade e parentalidade no
recasamento: narrativas das madrastas**

Tese apresentada como requisito parcial para obtenção do grau de Doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia (Psicologia Clínica) do Departamento de Psicologia do Centro de Teologia e Ciências Humanas da PUC-Rio. Aprovada pela Comissão Examinadora abaixo assinada.

Profa. Terezinha Féres-Carneiro

Orientadora
Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profa. Andrea Seixas Magalhães

Departamento de Psicologia – PUC-Rio

Profa. Maria Lucia Rocha-Coutinho

Instituto de Psicologia – UFRJ

Profa. Monica de Vasconcellos Dias

Departamento de Psicologia – UVA/RJ

Profa. Celia Regina Henriques

Associação de Terapia Familiar – ATF/RJ

Profa. Denise Berruezo Portinari

Coordenadora Setorial de Pós-Graduação
e Pesquisado Centro de Teologia
e Ciências Humanas da PUC-Rio.

Rio de Janeiro, 26 de fevereiro de 2016

Todos os direitos reservados. É proibida a reprodução total ou parcial do trabalho sem a autorização da universidade, da autora e do orientador.

Cristina Ribeiro Teixeira Dantas

Graduou-se em Psicologia Clínica pela PUC-Rio em 2000. Mestrado em Psicologia Clínica pela PUC-Rio em 2003. Especialização em Psicoterpia de Família e Casal pela CCE/PUC-Rio, concluída em 2015.

Ficha Catalográfica

Dantas, Cristina Ribeiro Teixeira

Conjugalidade e parentalidade no recasamento: narrativas das madrastas / Cristina Ribeiro Teixeira Dantas; orientadora: Terezinha Féres-Carneiro. – 2016.

103 f.; 30 cm

Tese (doutorado)–Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Departamento de Psicologia, 2016.

Inclui bibliografia

1. Psicologia – Teses. 2. Madrasta.3. Recasamento. 4. Conjugalidade. 5. Parentalidade. 6. Enteados/filhos. I. Carneiro, Terezinha Féres. II. Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro. Departamento de Psicologia. III. Título.

CDD:150

À minha filha, Maria,
eterna fonte de inspiração.

Agradecimentos

À minha querida orientadora, Terezinha Féres-Carneiro, por compartilhar o seu vasto conhecimento de maneira generosa e carinhosa. Agradeço pela atenção e apoio recebidos ao longo desses anos.

À Rebeca Nonato Machado e Andrea Seixas Magalhães pelas trocas, intelectuais e afetivas, durante a formulação dos artigos.

À CAPES e à PUC-Rio, pelos auxílios que possibilitaram a realização deste trabalho.

Aos meus pais, Geraldo e Theresa, pelo amor incondicional e por acreditarem nos meus sonhos. Aos meus irmãos, cunhada e sobrinho, pela amizade e carinho.

Ao amigo Bernardo Jablonski que, apesar de não estar entre nós, continua sendo fonte de inspiração.

À Carla Mendes e Manoela Monteiro pela amizade.

A toda a equipe de pesquisa pelo incentivo e pelas valiosas contribuições.

Aos professores do Curso de Especialização em Psicoterapia de Família e Casal pela generosidade e inestimáveis trocas.

A toda a equipe de funcionários do Departamento de Psicologia da PUC-Rio, sempre disponíveis para nos ajudar com os documentos e prazos.

Um profundo agradecimento às entrevistadas pela disponibilidade em compartilhar suas experiências comigo.

Resumo

Dantas, Cristina Ribeiro Teixeira; Féres-Carneiro, Terezinha. **Conjugalidade e parentalidade no recasamento: narrativas das madrastas.** Rio de Janeiro, 2016, 103p. Tese de Doutorado – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

O presente estudo teve como objetivo investigar, a partir da percepção das madrastas, o modo como vivenciam a conjugalidade e a parentalidade no recasamento. Realizamos uma pesquisa qualitativa com 16 madrastas. Os dados foram obtidos por meio de entrevistas semiestruturadas, estudadas posteriormente de acordo com o método de análise de conteúdo. A partir das narrativas, emergiram seis categorias de análise: *lugar da madrasta na família; denominação madrasta; conjugalidade no recasamento; díade madrasta-enteado; tríade madrasta, enteado (a), mãe; e transmissão geracional.* A primeira categoria: *lugar da madrasta na família* foi desdobrada em quatro subcategorias: *como se fosse mãe; ajudante do marido; nenhuma responsabilidade; e na corda bamba.* A partir da terceira categoria: *conjugalidade no recasamento* emergiram duas subcategorias: *conjugalidade atravessada pela parentalidade; e repercussões da conjugalidade anterior na conjugalidade atual.* A categoria: *díade madrasta-enteado* foi desdobrada em quatro subcategorias: *construindo o relacionamento com os enteados; responsabilidades com os enteados; participação na educação – regras, limites e cobranças; e quem pertence à família?* A partir da categoria *tríade madrasta, enteado (a), mãe,* emergiram quatro subcategorias: *relacionamento com as mães dos enteados; impressões acerca da mãe; conflito de lealdade; e diferença entre ser mãe e ser madrasta.* A categoria *transmissão geracional* será desenvolvida posteriormente. A partir dos resultados, podemos sugerir a influência de diversos fatores que perpassam a conjugalidade e a parentalidade no recasamento. Dentre eles, elencamos a idade e o arranjo de moradia dos enteados, as repercussões da dissolução da conjugalidade anterior, as demandas da parentalidade e os estereótipos relativos à mãe e à madrasta.

Palavras-chave

Madrasta; recasamento; conjugalidade; parentalidade; enteados/filhos.

Abstract

Dantas, Cristina Ribeiro Teixeira; Féres-Carneiro, Terezinha (Advisor). **Conjugality and parenthood in the remarriage: stepmother's narratives.** Rio de Janeiro, 2016, 103p. Doctorate Thesis – Departamento de Psicologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro.

The purpose of this study was to investigate, from the stepmother's perceptions, the way they experience conjugality and parenthood in the remarriage. We conducted a qualitative research with 16 stepmothers. In order to gather data, we performed semi-structured interviews and later examined them using the content analysis method. Six categories emerged from the content analysis: *the stepmother's place within the family; stepmother denomination; conjugality in remarriage; stepmother-stepchild dyad; stepmother, stepchild, mother triad; and generational transmission.* The first category: *the stepmother's place within the family* was divided into four subcategories: *like a mother; husband's helper; no responsibility; and balancing on the tightrope.* From the third category: *marital relations in remarriage*, two categories emerged: *marital relations intersected by parenthood; and repercussions of previous marital relations on current marital relations.* The fourth category: *stepmother-stepchild dyad* was divided into four subcategories: *building the relationship with the stepchild; responsibilities with stepchildren; participating in education – rules and charging limits, and who belongs to the family?* From the *stepmother, stepchild, mother triad* category, four subcategories emerged: *relationship with the stepchild's mother; impressions about the mother; loyalty conflicts; and difference between being a mother and a stepmother.* The *generational transmission* category will be developed in the future. From the results we can suggest several factors influencing conjugality and parenthood in remarriage. We point out the stepchildrens' age and living arrangements, the repercussions of the previous marital dissolution, the parenthood demands, and the mother and stepmother stereotypes.

Keywords

Stepmother; remarriage; marital relations; parenthood; stepchildren/children

Sumário

INTRODUÇÃO	11
2. CONSTRUINDO O LUGAR DA MADRASTA NO MOSAICO DA FAMÍLIA RECASADA.....	18
Resumo.....	18
Abstract.....	19
2.1 MÉTODO.....	23
2.1.2 Participantes.....	23
2.1.3 Instrumentos e procedimentos	23
2.1.4 Cuidados éticos.....	24
2.1.5 Análise e discussão dos resultados	24
2.2 LUGAR DA MADRASTA NA FAMÍLIA	25
2.2.1 Como se fosse mãe	25
2.2.2 Ajudante do marido	27
2.2.3 Nenhuma responsabilidade.....	28
2.2.4 Na corda bamba.....	29
2.3 DENOMINAÇÃO MADRASTA	31
2.4 CONSIDERAÇÕES FINAIS	33
3. REPERCUSSÕES DA PARENTALIDADE NA CONJUGALIDADE DO CASAL RECASADO: REVELAÇÕES DAS MADRASTAS.....	35
Resumo.....	35
Abstract.....	36
3.1 MÉTODO.....	40
3.1.2 Participantes.....	40
3.1.3 Instrumentos e procedimentos	40
3.1.4 Cuidados éticos.....	41
3.1.5 Análise e discussão dos resultados	41
3.2 CONJUGALIDADE NO RECASAMENTO	42
3.2.1 Conjugalidade atravessada pela parentalidade.....	42
3.2.2 Repercussões da conjugalidade anterior na conjugalidade atual....	47
3.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	51

4. A DÍADE MADRASTA-ENTEADO: NARRATIVAS NO CONTEXTO DO RECASAMENTO.	54
Resumo.....	54
Abstract.....	55
4.1 MÉTODO.....	59
4.1.2 Participantes.....	59
4.1.3 Instrumentos e procedimentos	59
4.1.4 Cuidados éticos.....	60
4.1.5 Análise e discussão dos resultados	60
4.2 DÍADE MADRASTA-ENTEADO	61
4.2.1 Construindo o relacionamento com os enteados	61
4.2.2 Responsabilidade com os enteados.....	64
4.2.3 Participação na educação – regras, limites e cobranças.....	65
4.2.4 Quem pertence à família?	69
4.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	72
5. A TRÍADE MADRASTA, ENTEADO (A), MÃE: REFLEXÕES ACERCA DA MATERNIDADE	74
Resumo.....	74
Abstract.....	75
5.1 MÉTODO.....	79
5.1.2 Participantes.....	79
5.1.3 Instrumentos e procedimentos	79
5.1.4 Cuidados éticos.....	80
5.1.5 Análise e discussão dos resultados	80
5.2 TRÍADE MADRASTA, ENTEADO (A), MÃE.....	82
5.2.1 Relacionamento com as mães dos enteados.....	82
5.2.2 Impressões acerca da mãe	83
5.2.3 Conflito de lealdade.....	85
5.2.4 Diferença entre ser mãe e ser madraستا	86
5.3 CONSIDERAÇÕES FINAIS	88
6. CONCLUSÃO.....	90
7. Referências bibliográficas	93
8. ANEXO I: PERFIL DAS PARTICIPANTES.....	100

ANEXO II: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS	101
ANEXO III: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido	102
ANEXO IV: Ficha de Avaliação Biográfica	103

INTRODUÇÃO

As múltiplas configurações familiares contempladas na sociedade contemporânea têm contribuído para novas e singulares organizações nas dinâmicas familiares. Deparamo-nos com a coexistência de diferentes modelos, alguns mais tradicionais e outros mais modernos, gerando a necessidade de constantes negociações no que diz respeito aos papéis desempenhados pelos membros da família. Nesta perspectiva histórica, em consonância com as transformações sociais, culturais e econômicas, a família vem se reinventando para abarcar as novas demandas e interações entre seus membros. Vale destacar que a mesma continua sendo almejada como um porto seguro e um local privilegiado para a troca de afetos, crenças e valores (FÉRES-CARNEIRO & ZIVIANI, 2009).

O movimento de emancipação feminina contribuiu para mudanças significativas nas relações de gênero, repercutindo, sobretudo, nos papéis sociais e familiares, cada vez mais simétricos, flexíveis e intercambiáveis (FÉRES-CARNEIRO, 2008). A inserção feminina na vida pública demandou uma inserção masculina na esfera privada, gerando tensões e possibilitando acordos acerca da divisão das tarefas domésticas e dos cuidados com os filhos. A transformação da intimidade, nas sociedades ocidentais, enfatizou aspectos referentes ao ideal do amor romântico, da liberdade individual e da auto-realização, afastando os indivíduos das relações sociais mais amplas, enquanto valorizavam os relacionamentos conjugais.

Segundo Giddens, (1993), o casal privilegia o próprio relacionamento e, na medida em que prevalece maior igualdade profissional, econômica e sexual, a relação se mantém, enquanto ambos desejarem. Porém, o relacionamento pode ser rompido quando deixar de ser prazeroso para, pelo menos, um dos cônjuges. De acordo com Roudinesco (2003), na família contemporânea, os sujeitos se unem para vivenciar relações íntimas que os realizem sexualmente, sem a expectativa de que o relacionamento dure para sempre. Esta autora ressalta que a transmissão da autoridade vem se tornando cada vez mais suscetível, diante dos novos arranjos familiares.

Neste contexto, a família recasada surge como representante significativa destas transformações sociais, possibilitando a criação de novos vínculos entre os seus integrantes. A inclusão de novos personagens tais como os novos cônjuges dos pais, seus filhos, a família extensa de cada novo integrante e os filhos advindos desta nova união compõem esta vasta rede relacional.

O recasamento inaugura uma nova etapa na vida do grupo familiar, provocando mudanças no cotidiano e nas dinâmicas interacionais, podendo levar padrastos e madrastas a exercerem funções parentais com seus enteados, antes ou ao mesmo tempo em que estão estabelecendo o vínculo afetivo com eles. Assim, os laços de filiação, que outrora fundamentavam as funções parentais, cedem espaço aos laços socioafetivos, permitindo que estas sejam partilhadas por vários adultos, de maneira simultânea ou consecutiva.

Entretanto, a falta de clareza em relação às normas sociais, às questões jurídicas, às responsabilidades e ao comportamento esperado pelos integrantes da família recasada podem levar as madrastas a sentirem-se confusas e desamparadas, uma vez que o seu papel social encontra-se indefinido (FALCKE, 2002; SOARES, 2008; SWEENEY, 2010). De acordo com Henry e McCue (2009), a escassez relativa às políticas sociais que garantem direitos aos membros das famílias recasadas pode contribuir para o sentimento de inadequação. Em contrapartida, segundo Lobo (2009), a carência relativa à lacuna dos direitos e deveres estabelecidos nessas configurações familiares também pode produzir um panorama positivo, pois, além de tornar a negociação uma característica vital, possibilita maior flexibilidade e criatividade nos caminhos construídos pelos integrantes da família recasada.

Com efeito, a inserção da madrasta na família recasada suscita redefinições acerca das fronteiras dos subsistemas familiares, assim como possíveis renegociações dos papéis parentais. Costa e Dias (2012) pontuam que o recasamento demanda maior delimitação de fronteiras, uma vez que vários níveis de ajustamento de subsistemas – conjugal, parental, fraternal – ocorrem em simultâneo, exigindo flexibilidade e criatividade para lidar com as diversas demandas.

O estabelecimento de fronteiras nítidas e permeáveis, facilitando a circulação dos sujeitos, assim como a aceitação e o cumprimento

das responsabilidades parentais que cada cônjuge tem com seus filhos e a flexibilidade em torno dos papéis de gênero são aspectos promotores de saúde emocional (McGOLDRICK & CARTER, 2001). Neste contexto, a despeito da complexidade que permeia estes arranjos familiares, a capacidade de promover o bem-estar está relacionada à manutenção de um vínculo afetivo com padrastos e madrastas, deixando ao encargo do pai e da mãe o exercício da autoridade parental (COSTA & DIAS, 2012; MAGALHÃES, FÉRES-CARNEIRO, HENRIQUES & TRAVASSOS-RODRIGUEZ, 2013; PAPERNOW, 2013; SCHRODT, 2011).

A manutenção de fronteiras rígidas que excluam o (a) pai/mãe biológico (a) que não mora com os filhos, a possível competição entre padrastos/madrastas com seus enteados e a manutenção de papéis de gênero tradicionais podem dificultar a criação de um sistema recasado funcional (McGOLDRICK & CARTER, 2001). Parte das dificuldades encontradas pelas famílias recasadas em definir os seus papéis familiares advém da tentativa e da expectativa de tentar replicar o modelo de família de primeiro casamento para o recasamento (CHRON, 2006; PRYOR, 2014).

A madrasta, correspondendo à expectativa existente em nossa sociedade acerca do ideal da maternidade, ingressa na família recasada incumbida de exercer os cuidados maternos, pelo simples fato de ser mulher. Espera-se que ela seja capaz de amar, imediatamente, os seus enteados, da mesma maneira que ama seus filhos. Falcke (2002) propõe que a madrasta saia da dicotomia entre a mãe perfeita e a madrasta malvada, criando um lugar singular, condizente com sua realidade familiar.

Para além da construção do seu lugar, a madrasta e seu cônjuge estão constituindo a identidade conjugal, perpassada pelos ajustes referentes à parentalidade – os meus, os seus e os nossos - juntamente com questões concernentes à conjugalidade anterior de cada um. A relação conjugal contemporânea enfatiza aspectos relativos à satisfação individual e à autonomia de cada cônjuge, em uma zona de interação compartilhada e forjada a dois. Assim, o casal abarca, em sua dinâmica, duas individualidades e uma conjugalidade (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

Nesse sentido, a conjugalidade pode ser compreendida como um processo de construção de uma realidade que seja comum ao casal, ressaltando que as atitudes de um influenciam e afetam o outro, em um movimento contínuo e recíproco, gerando os padrões do relacionamento conjugal (FÉRES-CARNEIRO & DINIZ NETO, 2010). No recasamento, o desenlace conjugal anterior, as questões relativas ao processo da separação e o exercício da parentalidade ocorrem concomitantemente à construção da identidade conjugal.

Ao pesquisarem acerca das representações sociais da conjugalidade no recasamento, Silva, Trindade e Silva Junior (2012) apontam cinco aspectos preponderantes. O primeiro refere-se à importância destinada ao encontro de um vínculo conjugal satisfatório que permita aos sujeitos a vivência da intimidade e da felicidade. O segundo aspecto diz respeito à complexidade das dinâmicas relacionais. O terceiro associa a capacidade dos filhos e enteados em lidar bem com as mudanças ocorridas a partir do recasamento, quando os pais mantêm um relacionamento saudável após a separação e o recasamento. O quarto fator sugere que a relação conjugal recasada possui um caráter mais igualitário no que tange aos papéis de gênero. E, finalmente, estes autores ressaltam que os homens parecem sentir maior necessidade do que as mulheres em estar em uma parceria conjugal para organizarem a sua vida emocional, familiar e profissional.

Tadeu da Silva (2012) pontua que a satisfação conjugal corresponde ao sentimento de felicidade experimentado pelos sujeitos ao avaliarem o seu relacionamento conjugal. Aspectos intrapsíquicos, interpessoais e contextuais devem ser considerados, pois influenciam na avaliação da satisfação conjugal. O nível de satisfação conjugal também está relacionado à capacidade do casal negociar as mudanças pessoais e relacionais, no meio em que estão inseridos. Esta autora, ao realizar pesquisa com casais casados e recasados, não encontrou diferenças significativas a respeito da conjugalidade nestas duas configurações.

A conjugalidade pouco demarcada, tanto no casamento quanto no recasamento, é empobrecida, pois, além de não pontuar as necessárias relações hierárquicas existentes na família, também possibilita que as fronteiras entre as dimensões parentais e conjugais fiquem emaranhadas, podendo repercutir tanto na vivência da conjugalidade quanto da parentalidade. De acordo com Magalhães e Féres-Carneiro (2011), a conjugalidade e a parentalidade são duas dimensões que

constituem o psiquismo familiar, favorecendo a transmissão dos conteúdos geracionais, dos modelos identificatórios e dos ideais da família.

Casais muito consumidos em seus dilemas conjugais podem não estar emocionalmente disponíveis para atender às demandas dos filhos, propiciando um clima familiar pouco saudável. Wagner e Mosmann (2009) destacam que os casais com maior nível de satisfação conjugal são mais competentes no exercício da parentalidade, portanto, para estas autoras, é imprescindível a investigação das dimensões da conjugalidade e da parentalidade no ambiente familiar. No que diz respeito aos filhos que vivenciam a separação conjugal e, posteriormente, o recasamento de seus pais biológicos, o importante é deixá-los fora do conflito conjugal, assegurando o seu lugar dentro dessa nova estrutura familiar.

Após o desenlace conjugal, pais e mães podem se sentir traídos, rejeitados e abandonados, criando um clima propício para a raiva e o desejo de vingança, uma vez que os ideais que construíram a identidade conjugal foram rompidos. Quando o luto pela separação não consegue ser elaborado por um ou ambos os cônjuges, ele desencadeia um processo de descrédito com relação ao ex-cônjuge que, em muitos casos, pode contaminar o relacionamento deste com seus filhos. Embora sofram com a separação, muitos pais são capazes de estimular e preservar o vínculo existente entre os filhos e o ex-cônjuge. No entanto, outros não conseguem separar a sua dor e envolvem as crianças em seu ressentimento, usando-as como instrumento de vingança (LEVY, 2011).

Investigando o modo como pais e mães vivenciam o exercício da coparentalidade após o rompimento conjugal, Hackner, Wagner e Grzybowski (2006) postulam que a hostilidade existente durante o processo de separação e a incidência de conflitos durante o casamento, influenciam na qualidade da relação coparental posterior. Em pesquisa realizada com pais e mães separados, Grzybowski e Wagner (2010) ressaltam que a conjugalidade e os vínculos emocionais estabelecidos entre pais/mães com seus filhos são as duas questões mais relevantes no que diz respeito ao exercício da coparentalidade, após a separação conjugal. Segundo as autoras, a conjugalidade e o vínculo parental, interligados às questões de gênero, decoabitação e financeiras, são variáveis determinantes da qualidade da coparentalidade. Dessa forma, o subsistema conjugal e o subsistema parental encontram-se interdependentes, não sendo

possível investir somente na manutenção da relação entre o ex-cônjuge com seus filhos, mas também, na elaboração das questões pertinentes ao relacionamento conjugal anterior.

Van Egeren e Hawkins (2004) sugerem a existência de quatro formas de coparentalidade. A primeira, a coparentalidade solidária, é caracterizada pela afetividade entre o pai e a mãe, possibilitando a coesão no que tange às funções parentais. O segundo tipo, o apoio coparental, é composto por estratégias e atitudes adotadas pelo pai e a mãe, visando ao bem-estar dos filhos. A terceira forma, a coparentalidade destrutiva, caracteriza-se pela tentativa de mitigar as estratégias e ações que o outro pai procura implementar. E, por fim, o quarto tipo, a coparentalidade compartilhada, caracteriza-se pela divisão das responsabilidades parentais.

No recasamento, a madrasta e seu cônjuge compõem o casal conjugal, porém, o cônjuge, a ex-mulher e, muitas vezes, a madrasta, compõem a tríade incumbida de exercer os papéis parentais. Embora as funções parentais devam ser exercidas pelos pais biológicos, a madrasta, de acordo com as interações e necessidades familiares, pode ser convocada a auxiliar o seu cônjuge no que se refere ao exercício da parentalidade. A esse respeito, Wagner e Sarriera (1999) pontuam haver inúmeras possibilidades de se favorecer o desenvolvimento emocional da prole, em qualquer configuração familiar, desde que as relações estabelecidas sejam baseadas na confiança, no afeto e no cuidado para com os filhos, até que estes se tornem independentes de seu núcleo familiar.

Mesmo diante da complexidade e da singularidade que envolvem a constituição de uma família recasada, é importantes ressaltar que esta não deve ser vista como disfuncional, nem tampouco como uma tentativa de recriar a família de primeiro casamento (FÉRES-CARNEIRO & ZIVIANI, 2009). O aumento do número de pessoas envolvidas nos cuidados e na educação dos filhos e enteados torna de vital importância a produção de conhecimento acerca da qualidade das interações entre padrastos/madrastas com seus enteados (as), entre o casal recasado, entre os ex-cônjuges, entre os pares mãe/madrasta e pai/padrasto, entre os irmãos (socioafetivos e meio-irmãos), dentre outros, visando à promoção de saúde emocional.

O presente estudo tem como objetivo investigar, a partir da percepção das madrastas, as vicissitudes da conjugalidade e da parentalidade no recasamento. Com o intuito de obter maior aprofundamento sobre o tema, dividimos esta tese de doutorado em quatro estudos. No primeiro estudo, abordamos a construção do lugar da madrasta e o imaginário social acerca do estereótipo da mãe insubstituível e da madrasta malvada. No segundo estudo, investigamos as possíveis repercussões que a parentalidade e a conjugalidade anterior exerceriam na constituição e vivência da conjugalidade atual. No terceiro, investigamos a tríade madrasta-enteado, priorizando aspectos relativos à participação da madrasta na educação dos enteados e ao estabelecimento de vínculos afetivos na tríade. Por fim, no quarto estudo, apresentamos a tríade madrasta, enteado (a), mãe, refletindo acerca das formas de subjetivação feminina, juntamente com as tensões vivenciadas pelas mulheres ao conciliar os universos público e privado.

2.

CONSTRUINDO O LUGAR DA MADRASTA NO MOSAICO DA FAMÍLIA RECASADA

Resumo

O presente estudo é parte de investigação mais ampla sobre a conjugalidade e a parentalidade no recasamento. Foram entrevistadas 16 madrastas e as entrevistas analisadas pelo método de análise de conteúdo. Na investigação mais ampla, emergiram das narrativas seis categorias de análise: *lugar da madrasta na família; denominação madrasta; conjugalidade no recasamento; díade madrasta-enteado; tríade madrasta-enteado-mãe; transmissão geracional*. Neste estudo, cujo objetivo é investigar a percepção das madrastas acerca do lugar que ocupam na família recasada, discutiremos as categorias *lugar da madrasta na família* e *denominação madrasta*. As demais categorias foram discutidas em outros trabalhos. Constatamos que o lugar da madrasta é perpassado por fatores como idade e moradia dos enteados e por questões relativas ao casamento anterior. Verificamos também que a nomeação madrasta desagrada à maioria das entrevistadas. Face à inexistência de um modelo prévio de identificação, ressaltamos a possibilidade de criação de um lugar singular para a madrasta.

Palavras-chave

Madrasta; recasamento; maternidade; enteado.

Abstract

The present study is part of a wider investigation about conjugality and parenthood in remarriage. Sixteen stepmothers were interviewed and the interviews were analyzed using the content analysis method. From the wider investigation within the narratives six categories of analysis emerged: *the stepmother's place in the family*; *stepmother denomination*; *conjugality in remarriage*; *stepmother-stepchild dyad*; *stepmother-stepchild-mother triad*; *generational transmission*. The present study, which will discuss *the stepmother's place in the family* and *stepmother denomination* categories, aims to investigate the stepmother's perception about their place in the remarried family. The remaining categories were discussed in other studies. We concluded that the stepmother's place is influenced by factors such as the stepchildren's age, living arrangements, and the previous marriage. We also verified that the stepmother denomination displeases most stepmothers. In the absence of a previous model of identification we point out the possibility of creating a unique place for the stepmother.

Keywords

Stepmother; remarriage; motherhood; stepchild.

Presenciamos na sociedade contemporânea diversas transformações no âmbito político, cultural, econômico e social, que influenciam, de maneira objetiva e subjetiva, o cotidiano familiar. Vale ressaltar, no entanto, que as mudanças ocorridas no seio familiar convivem com permanências ideológicas e comportamentais, enriquecendo e tornando ainda mais complexo o estudo acerca da família e suas transformações. Imerso neste contexto, o sujeito contemporâneo precisa assimilar o novo ao mesmo tempo em que reflete sobre o que funcionava ou não dos antigos papéis e padrões aos quais estava acostumado, visto que as mudanças que estamos presenciando têm sido cada vez mais velozes (FÉRES-CARNEIRO, ZIVIANI & MAGALHÃES, 2011).

O divórcio e o recasamento implicam em uma pluralidade de percursos que alteram a estrutura e a dinâmica familiar, sugerindo modificações no cotidiano e nos padrões sociais, e cunhando novas formas de relacionamento entre os sujeitos (CANO, GABARRA, MORÉ & CRIPALDI, 2009). Caracterizado pela flexibilidade e criatividade no que tange aos processos de formação, manutenção e funcionamento familiar, o recasamento, além de estabelecer novos laços de parentesco, deflagra a necessidade de novos paradigmas que possibilitem a criação de papéis que melhor se adaptem às necessidades de cada família. Neste sentido, ao invés de reproduzir o modelo existente de família de primeiro casamento, novas regras podem ser formuladas, com o intuito de facilitar a circulação e a socialização das crianças provenientes dos distintos relacionamentos de seus genitores (WAGNER, 2002).

Consideramos como família recasada, a estrutura familiar formada a partir do casamento ou união estável, onde um ou ambos os cônjuges possuem filhos de casamentos/uniões anteriores. Em uma perspectiva mais restrita, neste arranjo familiar convivem o novo casal e os filhos, tanto os provenientes de relacionamentos anteriores quanto os filhos deste casal. Em uma acepção mais ampla, na família recasada circulam todos os filhos, abarcando em suas dinâmicas interacionais, as extensas redes familiares formados a partir da dissolução do casal conjugal anterior (GRISARD FILHO, 2010).

Ao mesmo tempo em que novos membros são inseridos, a família recasada é construída sobre uma família preexistente, com um funcionamento prévio de suas parcerias conjugais e parentais. Tal situação possibilita-nos inferir que as suas combinações e demandas, tais como o pertencimento, a nomeação, o

desempenho dos papéis, a administração do tempo, do espaço, entre outras, transitam por lares distintos (SWEENEY, 2010; WAGNER, 2002). De fato, o processo de adaptação de todos os envolvidos no recasamento é permeado por diversas variáveis, dentre elas, a idade, a quantidade e o gênero dos filhos dos relacionamentos anteriores, o tempo entre o desenlace conjugal e o recasamento, além da existência ou não de conflitos entre os adultos (SOARES, 2008). Os sujeitos estão construindo a identidade de seu novo grupo, enquanto revisitam as condições individuais, familiares, culturais e sociais, previamente estabelecidas, juntamente com os ajustes relativos ao exercício da parentalidade (PRYOR, 2014).

No que tange ao exercício das funções parentais no recasamento, diversos autores (MAGALHÃES, FÉRES-CARNEIRO, HENRIQUES & TRAVASSOS-RODRIGUEZ, 2013; PAPERNOW, 2013; SCHRODT & BRAITHWAITE, 2011) sugerem que o estabelecimento de um vínculo afetivo entre padrastos/madrasas e enteados, juntamente com o exercício da autoridade por parte dos pais biológicos, seriam promotores de saúde emocional na família. A esse respeito, Schrodt (2011) ressalta que as funções parentais devem ser exercidas pelos pais biológicos, cabendo ao padrasto e à madrasta um papel auxiliar, podendo ganhar contornos mais significativos com o passar do tempo e do convívio com os enteados. Segundo este autor, as madrasas e os padrastos são constantemente confrontados com as dúvidas entre exercerem ou se isentarem das funções parentais.

Lobo (2009) sugere que, mais importante do que as normas legais que viabilizem os direitos e deveres das madrasas e padrastos para com os seus enteados, seria a questão relativa à divisão dos papéis na família recasada. A autora ressalta não se tratar da divisão tradicional de papéis, e, sim, daquela que possibilite a coexistência de relacionamentos pautados na herança biológica e nos laços socioafetivos.

A complexidade que envolve o relacionamento da madrasta com os seus enteados depende de uma série de aspectos singulares pertinentes a cada família recasada (FALCKE & WAGNER, 2000; GANONG, COLEMAN & JAMISON, 2011; PÉREZ & TÓRRENS, 2009). Dentre eles, podemos elencar a fase do ciclo vital em que a madrasta se encontra, como a mesma é inserida no novo contexto familiar, a maneira como a família do primeiro casamento lidou com a separação. Além disto, é importante considerar os acordos relativos à moradia, pensão e

visitação dos enteados, contemplando também a quantidade, as idades e o gênero dos mesmos. Além destes aspectos, o relacionamento estabelecido entre os pais e entre a mãe e a madrasta também são de grande relevância. Finalmente, outro elemento que não pode ser deixado de fora é o fato de a madrasta possuir ou não filhos de relacionamentos anteriores e/ou do atual relacionamento.

Com efeito, pouco se sabe a respeito de como os outros membros da família recasada, inclusive a própria madrasta, pensam sobre o lugar que ocupam dentro da família (CHRON, 2006; SWEENEY, 2010; WEAVER & COLEMAN, 2005). De acordo com Pryor (2014), os quatro maiores desafios vivenciados pela madrasta são: o receio de ser associada ao estereótipo da ‘madrasta malvada’, o possível conflito com a mãe dos enteados, a idealização em torno da maternidade e a rejeição dos enteados.

Diante do exposto, o presente estudo, que é parte de investigação mais ampla sobre a conjugalidade e a parentalidade no recasamento, tem como objetivo investigar a percepção das madrastas acerca do lugar que ocupam na família recasada. Buscamos, assim, colaborar para a reflexão sobre as vicissitudes, os desafios e as potencialidades abarcadas nessa configuração familiar.

2.1

MÉTODO

2.1.2

Participantes

Participaram deste estudo 16 madrastas, com idades variando entre 28 e 43 anos, residentes na cidade do Rio de Janeiro e pertencentes às camadas médias da população. Partimos da definição de camadas médias como algo mais abrangente e complexo do que classe social, considerando as semelhanças entre os indivíduos deste grupo (VELHO, 1987).

Das 16 madrastas, dez residem com, pelo menos, um enteado; três passam, pelo menos, um dia da semana com os enteados, revezando os finais de semana; e três encontram com os enteados nos finais de semana a cada 15 dias. A Tabela 1 (em anexo) apresenta a descrição do perfil das participantes.

2.1.3

Instrumentos e procedimentos

Como instrumento de investigação, foram realizadas entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro semiestruturado das entrevistas foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, contemplando questões abertas, elaboradas com base nos seguintes eixos temáticos: construção do lugar da madrasta; o imaginário social acerca da madrasta; vivência da conjugalidade no recasamento; construção do vínculo com os enteados; relação com as mães dos seus enteados. As entrevistas tiveram a duração de uma a três horas e o local, data e horário, foram agendados de acordo com a disponibilidade das madrastas. O acesso às participantes ocorreu por meio de indicações, configurando, portanto, uma amostra de conveniência.

2.1.4

Cuidados éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição onde foi desenvolvido. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação dos resultados em ensino, pesquisa e publicação, e foram informadas de que a sua identidade e a de seus familiares seriam preservadas.

2.1.5

Análise e discussão dos resultados

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistadas aos fenômenos (BARDIN, 2011). Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise.

Na investigação mais ampla sobre conjugalidade e parentalidade no recasamento, da qual este estudo faz parte, emergiram das narrativas das entrevistadas seis categorias de análise: *lugar da madrasta na família*; *denominação madrasta*; *conjugalidade no recasamento*; *díade madrasta-enteado*; *tríade madrasta-enteado-mãe*; *transmissão geracional*. Para atingir os objetivos formulados no trabalho que ora apresentamos, discutiremos as categorias *lugar da madrasta na família* e *denominação madrasta*. Para apresentação dos resultados, as madrastas foram nomeadas de um a 16, colocando-se, em seguida, a idade de cada uma.

2.2

LUGAR DA MADRASTA NA FAMÍLIA

A categoria *lugar da madrasta na família* foi desdobrada em quatro subcategorias, a partir dos relatos das participantes: *como se fosse mãe; ajudante do marido; nenhuma responsabilidade; e na corda bamba*.

2.2.1

Como se fosse mãe

A metade das madrastas relatou se sentir como se fosse mãe para os seus enteados.

Eu me coloco como se fosse uma mãe, assim, sabe? É uma mãe sem ser, né? É isso. Eu sou uma mãe sem ser. Eu me coloco como mãe, sinto como se eles fossem meus, sabe?... Como eu não sou mãe eu não sei qual é a diferença... Mas é o que eu sinto. Eu os trato como se eles fossem meus... Porque tudo depende de como o pai e a mãe, que tem os filhos, também vão lidar porque eu acho que, no meu caso, a coisa foi boa, assim, foi parceria (MADRASTA 11, 41 anos).

A partir do momento que você assume um relacionamento que tem uma criança, é ser mãe. Mas, não com o teor biológico... Ainda mais que ela tá morando comigo. Então, pra mim, madrasta é ser mãe... Eu acho que eu sou a mãe, entre aspas, mas a mãe é a J... Eu que tenho a responsabilidade de educar, eu tenho a responsabilidade de criar, de dar afeto, de chamar atenção, entendeu? Mas eu sei que eu não posso ultrapassar a barreira da mãe dela (MADRASTA 15, 37 anos).

Embora os relatos demonstrem envolvimento e responsabilidade das madrastas com os seus enteados, eles sugerem haver distinção entre os papéis da mãe e da madrasta. As entrevistadas constroem o seu lugar como se fossem mães sem destituir as mães de seus lugares. Weaver e Coleman (2005) afirmam que o lugar da madrasta vivenciado *como se fosse mãe* corrobora o ideal de maternidade existente em nossa sociedade, trazendo de modo implícito, nas narrativas das madrastas, a contradição de ser e não ser, concomitantemente. Nestas dinâmicas familiares observamos a inclusão de novos membros, propiciando o reconhecimento mútuo dos diferentes papéis a serem desempenhados, ampliando

as fronteiras relacionais e possibilitando a circulação das crianças pelas distintas residências (GANONG et. al., 2011; SARAIVA, LEVY & MAGALHÃES, 2014).

Ao pesquisar acerca da inserção do padrasto na família recasada, Lobo (2009) apresenta duas lógicas: a da substituição e a da perenidade. No primeiro caso, a autora sugere que os conflitos que levaram à separação do casal permanecem, influenciando o relacionamento entre o pai biológico e sua prole. Por meio da substituição, o pai é destituído do seu lugar e este passa a ser ocupado pelo padrasto. No caso da perenidade, o papel do padrasto é construído em conjunto, sugerindo a criação de um modelo original de relacionamento entre ele e seus enteados. Expandindo as lógicas da substituição e da perenidade aos relacionamentos estabelecidos entre as madrastas e seus enteados, ressaltamos que os relatos acerca da subcategoria *como se fosse uma mãe* destacam a lógica da perenidade, incluindo a madrasta na nova dinâmica familiar juntamente com a permanência das funções parentais exercidas pelo pai e a mãe.

Acerca da subcategoria *como se fosse mãe*, dois fatos merecem destaque. O primeiro diz respeito à idade dos enteados. Todas as madrastas mencionaram como fator facilitador para o desenvolvimento do relacionamento entre eles, o fato de os enteados serem novos quando elas os conheceram. As idades variavam entre um ano e meio e dez anos (nesse caso, o irmão mais novo tinha três anos quando a madrasta conheceu os enteados). O segundo aspecto que merece destaque é o fato de muitas madrastas morarem com os seus enteados. Na linha dessas considerações, as variáveis idade e coabitação parecem favorecer o relacionamento entre a madrasta e os enteados, corroborando dados de pesquisas recentes (COSTA & DIAS, 2012; GANONG et. al., 2011; PAPERNOW, 2013).

Considerando a faixa etária e a coabitação, podemos pensar na possibilidade de as madrastas se sentirem convocadas a participar, de maneira mais efetiva, no cotidiano dos seus enteados, haja vista que, nesta etapa do desenvolvimento (de um a dez anos de idade), eles suscitam maiores cuidados, além de serem mais dependentes. Desse modo, as demandas relativas aos cuidados e ao convívio com filhos/enteados, nesta faixa etária, podem levar o casal a enfatizar mais as funções parentais compartilhadas do que os aspectos conjugais. Nesse contexto, o lugar da madrasta seria construído a partir do exercício das funções parentais.

2.2.2

Ajudante do marido

Nesta subcategoria, algumas madrastas relataram assumir o papel de coadjuvante, oferecendo assistência aos maridos ou exercendo a função de organizadora da casa. Embora demonstrem para os mesmos suas opiniões nas questões relativas aos enteados, elas atuam como companheiras dos seus cônjuges. No cerne desse arranjo, elas também reconhecem a mãe como responsável pelos cuidados dos filhos e optam por exercer um papel de auxiliar do marido.

Ser madrasta é muito mais ser mulher do meu marido e, portanto, ajudá-lo na criação dos filhos dele, do que ser mãe... Eu de fato deixo essa função pro pai e pra mãe... A nossa relação é muito mais de amizade do que de hierarquia (MADRASTA 3, 43 anos).

Eu não me meto muito não, tento, assim, se eles precisarem de alguma ajuda, eu to aqui, precisa comprar material escolar, marcar médico? To aqui é só me falar... O melhor lugar que eu encontrei nessa relação, foi assim, no funcional, sabe? (MADRASTA 13, 37 anos).

Vale destacar que os enteados eram adolescentes, podendo favorecer o estabelecimento de dinâmicas relacionais pautadas na cooperação. Nesse aspecto, a colaboração das madrastas e padrastos em diversos assuntos domésticos, possibilita que o pai e a mãe passem mais tempo com os filhos, contribuindo, dessa maneira, tanto para o relacionamento entre os pais e seus filhos quanto para o das madrastas e padrastos com os seus enteados (SWEENEY, 2010; VALENTIM DE SOUSA & DIAS, 2014). Segundo Weaver e Coleman (2005), a madrasta no lugar de *ajudante do marido* atua como uma espécie de facilitadora ou mediadora no relacionamento entre os pais e seus filhos.

Observamos, na subcategoria *ajudante do marido*, o lugar da madrasta construído a partir do casal conjugal. Nesse sentido, o vínculo estabelecido entre as madrastas e seus enteados adolescentes não seria baseado em uma relação de dependência, conforme observado na subcategoria *como se fosse mãe*. A madrasta como *ajudante do marido* constrói o seu lugar a partir da parceria com o cônjuge. Neste arranjo, ela oferece auxílio quando requisitada, sugerindo a prevalência do casal conjugal sobre o casal parental. A madrasta exerceria, junto aos seus

enteados, um papel de coadjuvante, conferindo ao pai e à mãe, a responsabilidade acerca da educação dos mesmos.

Chron (2006) sugere que o distanciamento ou o menor envolvimento entre as madrastas e os seus enteados poderia ser visto de maneira negativa, uma vez que a sociedade ocidental coloca a mulher no cerne da família. Todavia, contrariamente a esse argumento, a autora sustenta que, em muitos casos, ocupar um lugar de companheira do pai, ajudando nas questões funcionais, não deve ser rotulado como algo negativo, mas, simplesmente, como outra construção para o lugar da madrasta.

2.2.3

Nenhuma responsabilidade

Observamos na fala de poucas madrastas a isenção de responsabilidades perante os seus enteados. Vale salientar que nesses arranjos, além dos enteados serem adolescentes, o convívio entre eles ocorre quinzenalmente.

Eu não tenho nenhuma responsabilidade sobre ela no sentido de educar, de proibir coisas, até porque o meu marido tem uma linha muito liberal com ela... Claro que existem questões, eu não concordo com tudo que ele faz ou tudo que a mãe dela faz, mas eu não me meto (MADRASTA 7, 42 anos).

O fato de os enteados serem adolescentes e não residirem com suas madrastas favorece o estabelecimento de uma dinâmica interacional compatível com a faixa etária e o tipo de convivência. Na subcategoria *nenhuma responsabilidade*, os pais exercem as funções parentais e as madrastas se eximem de quaisquer responsabilidades para com os enteados. Estes dados corroboram as postulações de Costa e Dias (2012) que apontam a idade, a residência principal dos filhos, os anseios individuais e os aspectos circunscritos ao processo do divórcio como fatores que influenciam o relacionamento entre madrastas/padrastos e seus enteados.

2.2.4

Na corda bamba

Observamos que, independentemente do tipo de convívio, dos arranjos de moradia e da idade dos enteados, a questão da ambivalência, das dúvidas e incertezas, perpassam as narrativas das madrastas ao serem questionadas acerca do lugar que ocupam na família.

É um exercício diário de amor, não sei, envolve tanta coisa, envolve um universo que você pode invadir, mas não pode invadir... É a criação de uma pessoa que não é só sua, o ciúme, o afeto, não sei... Eu acho que a madrasta anda numa corda bamba (MADRASTA 4, 39 anos).

É estar na corda bamba. Estar sempre no limiar onde eu posso ir e onde eu não posso ir, idas e vindas, perdas e ganhos... Com o D. (enteado) é assim, como uma corda bamba... Então eu tenho que dar limite, eu tenho, mas ao mesmo tempo 'você não é minha mãe'. Eu posso ir, mas eu posso tanto, você é mãe, mas não é mãe... O relacionamento com o D. a gente tá sempre construindo (MADRASTA 10, 38 anos).

A linha tênue, sugerida pela corda bamba, remete à possível fragilidade vivenciada pela madrasta no que tange à construção do seu papel. As narrativas das madrastas corroboram pesquisas recentes que relatam a incerteza vivenciada por madrastas e padrastos por não possuírem um modelo de identificação com o papel que passam a desempenhar na família (COSTA & DIAS, 2012; PAPERNOW, 2013; SCHRODT, 2011; WEAVER & COLEMAN, 2005). Além disso, as circunstâncias relativas a cada arranjo familiar podem proporcionar maior ou menor adaptação da madrasta ao seu ambiente, contribuindo para que ela possa construir o seu lugar de acordo com as demandas particulares da sua família.

A despeito de o período de adaptação variar de acordo com cada família, Valentim de Sousa e Dias (2014) pontuam a importância de se criar um ambiente familiar confiável e afetuoso, capaz de promover o desenvolvimento de habilidades sociais que favoreceriam o convívio com pessoas distintas. Nesse aspecto, manter um relacionamento satisfatório entre os pais biológicos e os pais socioafetivos - padrastos e madrastas - colabora para a adaptação dos componentes da família recasada.

Investigando o modo como as madrastas constroem o seu papel na família, Weaver e Coleman (2005) ressaltam a questão da ambiguidade, da falta de experiência da maternidade, das muitas dúvidas e da constante negociação, como fatores que perpassam a sua construção. Quanto à falta de experiência da maternidade, vale destacar que, das 16 madrastas entrevistadas, somente uma possuía filho do casamento anterior e, além desta, somente outra madrasta havia sido casada anteriormente. Assim sendo, podemos inferir que as madrastas foram construindo o seu lugar à medida que os desafios e vivências cotidianas surgiam.

Porque é difícil você se sentir mãe quando você ainda não é mãe... É de repente, então você meio que não se prepara pra isso. Eu queria criar e educar, mas eu não sabia exatamente como me posicionar naquela situação como mãe (MADRASTA 4, 39 anos).

E eu não fazia ideia do que era uma criança de seis anos, só quando você vive é que você entende, todas as fantasias infantis, todos os medos, estão ali, e você vai lidar com aquilo, não é no livro, não é na teoria, é ali, na vida (MADRASTA 14, 39 anos).

A corda bamba pode surgir quando a madrasta se sente inexperiente, duvidando da sua capacidade em encontrar e sustentar um lugar que a deixe confortável. Como sugerem diversos estudos, exercer o papel da madrasta é mais complexo, sendo considerado, muitas vezes, mais difícil do que o papel do padrasto (FALCKE & WAGNER, 2000; GANONG et. al., 2011; PRYOR, 2014; WEAVER & COLEMAN, 2005). Tal situação se deve ao fato de o papel da madrasta estar intrinsecamente associado à idealização da maternidade e aos estereótipos negativos que circunscrevem o imaginário social acerca da mesma (FALCKE & WAGNER, 2000; WEAVER & COLEMAN, 2005). O relacionamento entre a madrasta e os seus enteados seria, no mínimo, um grande desafio, pois a madrasta, desde os contos de fadas, traz em si o estigma da crueldade (SWEENEY, 2010).

2.3

DENOMINAÇÃO MADRASTA

A madrasta e o padrasto, em outras épocas, entravam na família somente a partir da orfandade da criança, ou seja, depois que a mãe ou o pai falecesse e o viúvo ou viúva contraísse novas núpcias. Contudo, com o divórcio e o recasamento, os termos madrasta e padrasto passaram a exprimir a relação de parentesco existente entre os filhos e a nova companheira ou companheiro de seus pais (SARAIVA, et al., 2014).

Das 16 madrastas entrevistadas, somente duas relataram que o termo madrasta não as incomodava. Ambas vivenciaram relacionamentos com madrastas, ao longo de suas infâncias. Uma delas associou, ao ser chamada de madrasta, a sua inserção na família recasada.

Eu nunca tive problema, eu acho fofo, na verdade. A J. (enteada) falava 'a mulher do meu pai', um dia ela botou no Facebook, 'minha madrasta', e eu achei tão lindo, fiquei tão emocionada. E não era mais 'a mulher do pai', é 'minha madrasta'. De alguma forma eu entrei na família dela, né? (MADRASTA 10, 38 anos).

As outras 14 madrastas narraram sentir desconforto com a palavra. Dentre elas, três também conviveram com madrastas em algum momento de suas vidas.

Eu detesto esse nome de madrasta. Aliás, tem que mudar esse nome. Eu detesto o estigma da madrasta. Sempre que tive que me apresentar eu falo que sou a mulher do pai dele. Eu nunca falei 'eu sou a madrasta do A.' (enteado) porque eu acho essa palavra horrível (MADRASTA 6, 40 anos).

Os relatos associaram a figura da madrasta à de uma bruxa, a culpada por tudo de ruim que acontecesse aos enteados, àquela que briga e repreende. As madrastas também mencionaram termos como 'mãe-drasta', 'boa-drasta', 'legaldrasta', sugerindo a necessidade de encontrarmos outro nome que as represente melhor nas configurações familiares recasadas.

Pra mim, ser madrasta, de certo modo é ser uma mãe-drasta, uma boa-drasta e eu acho que, cada vez mais é uma posição familiar... Eu conversei muito com o D. (marido) sobre essa coisa enteada e madrasta pra tentar não ser uma competição (MADRASTA 2, 43 anos).

Teve uma época que o F. (enteado) falava pros amigos que eu era a 'legaldrasta'. Outro dia a B. (enteada) veio me perguntar por que a madrasta se chamava madrasta. E eu entendi que pra ela não fazia sentido essa coisa do 'má' (MADRASTA 11, 41 anos).

Com efeito, podemos imaginar os possíveis dilemas vivenciados pela madrasta na família recasada. Por um lado ela é convocada, por pertencer ao universo feminino, a ser como 'uma mãe', acolhedora, carinhosa e dadivosa. Entretanto, por outro, ela tem sido descrita por adjetivos antagônicos, como fria, cruel, vingativa e severa. No bojo destas considerações, levantamos a possibilidade de sentimentos ambivalentes ligados à figura materna, serem deslocados para a madrasta. Dessa forma, a mesma, caracterizada no imaginário social de maneira pejorativa, além de não possuir um lugar definido na família, pode tornar-se depositária de tais projeções.

Soares (2008) sugere que o estereótipo, carregado de sentimentos negativos, que circunscreve a figura da madrasta, dificulta a sua entrada na família recasada e na sociedade. As madrastas, desde os contos de fadas, como Cinderela, Branca de Neve e João e Maria, surgem como vilãs, reforçando, no imaginário social, os aspectos provenientes do mito da madrasta malvada. O cinema também explora a figura da madrasta dissimulada, invejosa, perversa, capaz de tudo para chegar aos seus objetivos. Os filmes *Cinderela*, de 2015, *Espelho, Espelho Meu*, de 2012 e *Branca de Neve e o Caçador*, de 2012, nos instigam a refletir acerca da importância das representações simbólicas destas personagens.

Falcke e Wagner (2000) ressaltam que esta dicotomia pode dificultar a adaptação das madrastas às famílias recasadas, pois, ao tentarem 'substituir a mãe' (p. 423), geralmente, sentem-se frustradas, possibilitando o surgimento de sintomas idênticos aos da depressão. Falcke (2002) afirma que as madrastas sentem-se perdidas, pois não possuem um modelo de identificação acerca do papel que irão assumir, ficando entre a imagem idealizada da mãe e o mito da madrasta malvada. Embora possamos questionar o fato de o amor materno ser incondicional, instintivo e inato, a figura materna continua sendo considerada responsável pelo bem-estar emocional dos membros da família (FALCKE & WAGNER, 2000; BADINTER, 2011; PÉREZ & TÓRRENS, 2009).

2.4

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da análise das categorias *lugar da madrasta na família* e *denominação madrasta*, podemos considerar que a construção do lugar da madrasta é perpassado por aspectos circunscritos à idade dos enteados, aos arranjos de moradia, assim como pelas repercussões da dissolução do casamento anterior e do recasamento. A construção do lugar da madrasta pode, de acordo com as demandas familiares, propiciar maior destaque ao casal parental ou ao casal conjugal. No âmbito destas considerações, cada família poderá criar o seu modo de inserção da madrasta, acolhendo os diferentes afetos, as possíveis ambivalências e os inúmeros desafios, fomentando, desse modo, o constante advir para a construção, em conjunto, de um lugar único que pertença àquela configuração específica.

Os estereótipos associados à figura da madrasta em antagonismo ao mito do amor materno podem dificultar a construção do lugar da madrasta. Em contrapartida, permitir a existência de lugares adicionais nas famílias recasadas possibilita interações familiares saudáveis e criativas. Assim como é importante que os membros da família admitam as diferenças geracionais e hierárquicas, o reconhecimento dos diferentes lugares ocupados pelos membros das famílias recasadas pode ser estruturante, apesar de as funções, em determinados momentos se entrelaçarem. Expandir, para as madrastas, a lógica inclusiva da perenidade em oposição à lógica exclusiva da substituição, proposta por Lobo (2009) em relação aos padrastos, possibilitar-nos-ia pensar na construção de um lugar singular para as mesmas sem excluir o lugar da mãe.

Face às expectativas e às permanentes negociações entre os seus membros, a família recasada precisará criar novas regras e limites, delimitando fronteiras e criando espaços para a diversidade e a originalidade. A inexistência de um modelo de identificação a ser seguido pelas madrastas pode, por um lado, suscitar desconforto e insegurança, e, por outro, contribuir para o estabelecimento de relacionamentos singulares, pautados na flexibilidade, criatividade e respeito, tendo como aliados a resiliência e o tempo.

Consideramos a necessidade de novas pesquisas acerca do tema, principalmente, buscando compreender o lugar da madrasta em outros contextos socioeconômicos, tendo em vista ser esta uma limitação do nosso estudo. Sugerimos, portanto, novos estudos que investiguem as singularidades concernentes ao lugar da madrasta e ao modo como a mesma é inserida na família recasada, visando a uma maior compreensão acerca dos relacionamentos entre seus componentes e suas possíveis repercussões. Acolher os sentimentos de incerteza e as dúvidas que perpassam a construção do lugar da madrasta permite que ela se aproprie de suas potencialidades, incentivando a criação de novas representações afetivas entre as mesmas e seus enteados.

3.

REPERCUSSÕES DA PARENTALIDADE NA CONJUGALIDADE DO CASAL RECASADO: REVELAÇÕES DAS MADRASTAS**Resumo**

O presente estudo é parte de investigação mais ampla sobre a conjugalidade e a parentalidade no recasamento. Foram entrevistadas 16 madrastas e as entrevistas analisadas pelo método de análise de conteúdo. Na investigação mais ampla, emergiram das narrativas seis categorias de análise: *lugar da madrasta na família; denominação madrasta; conjugalidade no recasamento; díade madrasta-enteado; tríade madrasta-enteado-mãe; transmissão geracional*. Neste estudo, cujo objetivo é investigar a percepção das madrastas acerca da construção da conjugalidade no recasamento, discutiremos a categoria *conjugalidade no recasamento*. As demais categorias foram discutidas em outros trabalhos. Constatamos que a construção da conjugalidade é influenciada por aspectos relativos ao exercício da parentalidade e ao relacionamento conjugal anterior.

Palavras-chave

Madrasta; recasamento; conjugalidade; parentalidade; ex-cônjuge.

Abstract

The present study is part of a wider investigation about conjugality and parenthood in remarriage. Sixteen stepmothers were interviewed and the interviews were analyzed using the content analysis method. From the wider investigation within the narratives six categories of analysis emerged: *the stepmother's place in the family*; *stepmother denomination*; *conjugality in remarriage*; *stepmother-stepchild dyad*; *stepmother-stepchild-mother triad*; *generational transmission*. The present study which will discuss *conjugality in remarriage* category aims to investigate the stepmother's perception about building marital relations in remarriage. The remaining categories were discussed in other studies. We concluded that conjugality in remarriage is influenced by aspects regarding parenting and previous marital relations.

Keywords

Stepmother; remarriage; marital relations; parenthood; ex-spouse.

A variabilidade histórica da instituição familiar torna muito difícil a elaboração de um conceito que abarque a família como um todo, haja vista que a mesma parece modificar-se no tempo e no espaço, englobando, além das funções afetivas, funções políticas, sociais, culturais e econômicas, de acordo com o contexto em que está inserida. Dentre as diversas mudanças, podemos citar a pluralidade de cenários familiares constituídos a partir do recasamento. De acordo com os dados do IBGE (2012), as famílias recasadas, no Brasil, que representavam 13,4% da população, em 2002, subiram para 16,1%, em 2007 e, em 2012, passaram a representar 21,8% da população.

O recasamento inicia uma nova etapa no ciclo vital dos seus integrantes, gerando mudanças nos padrões sociais e em sua dinâmica relacional, possibilitando o estabelecimento de novos vínculos (McGOLDRICK & CARTER, 2001; PRYOR, 2014). Neste sentido, ao mesmo tempo em que o novo casal está construindo a sua identidade conjugal, ele é atravessado pelas demandas parentais relativas aos filhos de casamentos anteriores e por possíveis repercussões da conjugalidade anterior.

Hackner, Wagner e Grzybowski (2006) sugerem que a maior causa dos conflitos ocorridos após a separação advém da falha em estabelecer fronteiras no relacionamento que possibilitem aos ex-cônjuges serem parceiros na parentalidade, mas não na conjugalidade. Cabe ressaltar que, diferentemente dos laços intersubjetivos conjugais que são dissolúveis, os laços intersubjetivos parentais são indissolúveis (ZIVIANI, FÉRES-CARNEIRO & MAGALHÃES, 2012).

Papernow (2013) apresenta cinco desafios enfrentados pelos membros da família recasada: o sentimento de inclusão/exclusão vivenciado pela madrasta e pelo padrasto no que diz respeito à dinâmica familiar anterior; os conflitos de lealdade vivenciados pelos enteados para com seus pais biológicos; as tarefas parentais polarizando o novo casal conjugal; a criação da nova identidade familiar e a inclusão do ex-cônjuge nas questões pertinentes aos filhos do casamento anterior, podendo repercutir nas interações da família recasada. Esta autora afirma que a madrasta e o padrasto oscilam, entre se sentir excluídos e incluídos das funções parentais, podendo originar sentimentos ambíguos no que tange à construção do lugar que ocupam na família.

Embora a família contemporânea ressalte a possibilidade de cada indivíduo constituir-se como autônomo, a formação de um casal demanda a criação de uma zona de interação compartilhada por ambos. A dinâmica do casal é estabelecida entre as forças paradoxais compostas pelas individualidades dos sujeitos e por uma conjugalidade, comum a ambos, forjando o desafio de preservar a sua individualidade, concomitantemente à construção da identidade conjugal. Neste escopo, a conjugalidade diz respeito aos planos, projetos e sonhos em comum, assim como à história que os sujeitos estão escrevendo a dois. Caberá ao casal, casado ou recasado, construir e ressignificar aspectos referentes ao seu passado e ao presente para que a convivência seja enriquecedora e satisfatória para ambos (FÉRES-CARNEIRO, 1998).

O casamento envolve um movimento contraditório no qual os sujeitos, a despeito de se separarem, continuam se recasando, buscando a partir dessa experiência, o estabelecimento de novos vínculos afetivos. Dentre os motivos circunscritos a este movimento, podemos elencar o desejo de ser feliz novamente, de ter uma companhia e se sentir realizado afetivamente (COSTA & DIAS, 2012).

Em relação à conjugalidade, pesquisas sugerem o acréscimo de interesse, no âmbito acadêmico, por temas como aspectos conceituais, conflitos e interações conjugais, influência da conjugalidade na parentalidade, satisfação conjugal, dissolução da conjugalidade, dentre outros (FÉRES-CARNEIRO & DINIZ NETO, 2010; MOSMANN, WAGNER & FÉRES-CARNEIRO, 2006; SILVA, TRINDADE & SILVA JUNIOR, 2012; ZIVIANI et. al., 2012). Contudo, Ganong, Coleman e Jamison (2011) apontam para a lacuna expressiva em pesquisas acerca do processo de desenvolvimento dos relacionamentos na família recasada, ressaltando a necessidade de pesquisas sobre as díades pai/madrasta e mãe/padrasto. A esse respeito, Sweeney (2010) afirma que, no que tange ao pertencimento, dinâmica e estabelecimento de fronteiras nas famílias recasadas, novos estudos podem trazer importantes contribuições.

A conjugalidade, no recasamento, além de ser perpassada por questões referentes à parentalidade, convoca a uma reflexão acerca das expectativas no que diz respeito ao papel da madrasta. Ao mesmo tempo em que estão construindo a sua identidade conjugal, as madrastas necessitam de tempo para se adaptar às mudanças na rotina. Compreender o modo como os ajustes pertinentes ao subsistema conjugal repercutem no subsistema parental e vice-versa, pode trazer

importantes contribuições acerca dos papéis a ser desempenhados nesta configuração familiar. No âmbito destas considerações, o presente trabalho tem como objetivo investigar a percepção das madrastas acerca da construção da conjugalidade no recasamento.

3.1

MÉTODO

3.1.2

Participantes

Participaram deste estudo 16 madrastas, com idades variando entre 28 e 43 anos, residentes na cidade do Rio de Janeiro e pertencentes às camadas médias da população. Partimos da definição de camadas médias como algo mais abrangente e complexo do que classe social, considerando as semelhanças entre os indivíduos deste grupo (VELHO, 1987).

Das 16 madrastas, dez residem com, pelo menos, um enteado; três passam, pelo menos, um dia da semana com os enteados, revezando os finais de semana; e três encontram com os enteados nos finais de semana a cada 15 dias. A Tabela 1 (em anexo) apresenta a descrição do perfil das participantes.

3.1.3

Instrumentos e procedimentos

Como instrumento de investigação, foram realizadas entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro semiestruturado das entrevistas foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, contemplando questões abertas, elaboradas com base nos seguintes eixos temáticos: construção do lugar da madrasta; o imaginário social acerca da madrasta; vivência da conjugalidade no recasamento; construção do vínculo com os enteados; relação com as mães dos seus enteados. As entrevistas tiveram a duração de uma a três horas e o local, data e horário, foram agendados de acordo com a disponibilidade das madrastas. O acesso às participantes ocorreu por meio de indicações, configurando, portanto, uma amostra de conveniência.

3.1.4

Cuidados éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição onde foi desenvolvido. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação dos resultados em ensino, pesquisa e publicação, e foram informadas de que a sua identidade e a de seus familiares seriam preservadas.

3.1.5

Análise e discussão dos resultados

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistadas aos fenômenos (BARDIN, 2011). Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise.

Na investigação mais ampla sobre conjugalidade e parentalidade no recasamento, da qual este estudo faz parte, emergiram das narrativas das entrevistadas seis categorias de análise: *lugar da madrasta na família*; *denominação madrasta*; *conjugalidade no recasamento*; *díade madrasta-enteado*; *tríade madrasta-enteado-mãe*; *transmissão geracional*. Para atingir os objetivos formulados no trabalho que ora apresentamos, discutiremos a categoria *conjugalidade no recasamento*. Para apresentação dos resultados, as madrastas foram nomeadas de um a 16, colocando-se, em seguida, a idade de cada uma.

3.2

CONJUGALIDADE NO RECASAMENTO

A partir das narrativas das madrastas, a categoria *conjugalidade no recasamento* foi desdobrada em duas subcategorias: *conjugalidade atravessada pela parentalidade* e *repercussões da conjugalidade anterior na conjugalidade atual*.

3.2.1

Conjugalidade atravessada pela parentalidade

Ao serem questionadas sobre a sua relação conjugal, as falas sugerem a complexidade do interjogo estabelecido entre as dimensões conjugais e parentais. A conquista do seu lugar, a necessidade de negociar espaços distintos que abarquem as demandas conjugais e parentais, além de conseguir processar sentimentos como o ciúme e a frustração surgem como desafios vivenciados pelas madrastas no momento em que constituíam a sua identidade conjugal.

Também tiveram vários momentos tensos, tipo fim de semana que a gente tava com a W. (enteada), eu fazia uma proposta do tipo 'vamos pro clube?'... Ao invés do D. (marido) emitir a opinião dele, ele perguntava se a W. queria ir... Ele passava essa autoridade pra ela e, obviamente, nesse momento de ameaça de lugar, ela dizia 'não'. Eu tive várias conversas com o D. dizendo: 'olha, eu acho que existe o espaço dos três, existe o meu espaço com o D. e existe o espaço dele com a W., são três espaços distintos (MADRASTA 2, 43 anos).

Pra mim também era complicado, então eram dois lados sentindo cada um ciúme na dimensão, né?... Ela tinha cinco e eu 31... Eu passava por coisas tipo 'ai, que saco, eu queria ficar só eu e ele'... Qual vai ser o meu espaço nessa relação? No fundo você tá disputando uma mulher com outro homem, mas são dois amores diferentes (MADRASTA 4, 39 anos).

A gente ficou um ano só pro casal. A introdução das crianças veio aos poucos... Teve o período que a gente se mudou e ficou em função da casa e das crianças e eu ficava muito cansada. Misturava cansaço com a frustração... Até tinha tempo para o casal, mas eu achava que não era suficiente. Depois eu relaxei e parei de brigar com isso... Isso durou uns dois anos (tempo de adaptação do casal) (MADRASTA 11, 41 anos).

A partir das narrativas, podemos observar a necessidade de ajustes vivenciados pelas madrastas em suas dinâmicas relacionais. Sentir ciúmes, lidar com a frustração, processar os diversos afetos, adaptar-se a diferentes demandas, negociar com seus cônjuges aspectos referentes ao exercício dos papéis, além de estabelecer espaços discriminados para as vivências da conjugalidade e da parentalidade, sugerem a complexidade experimentada nestas configurações familiares.

Enquanto constroem a identidade conjugal, as madrastas manejam seus anseios, expectativas, frustrações, inseguranças e idealizações, no âmbito da parentalidade, uma vez que o exercício das funções parentais pode ser expandido, abarcando, além dos laços consanguíneos, os laços socioafetivos. A ambiguidade entre fazer parte e se sentir excluída de uma dinâmica que a precede aponta para a necessidade de negociações, entre as madrastas e seus cônjuges, acerca dos tempos e espaços destinados à parentalidade e à conjugalidade. O possível sentimento de inclusão/exclusão das madrastas no que se refere às funções parentais pode suscitar conflitos e readaptações. Além disso, o modo como a mesma é inserida pelo marido no contexto familiar recasado é fundamental para a sua aceitação, ou não, por parte dos enteados (PAPERNOW, 2013; PRYOR, 2014; SOARES, 2008).

O recasamento inicia uma nova família, todavia, ao invés de o relacionamento amoroso acontecer de forma progressiva, do namoro ao casamento e, posteriormente, o nascimento dos filhos, os sujeitos passam a desempenhar múltiplos papéis. No ciclo vital da família recasada, diversos relacionamentos são inaugurados ao mesmo tempo em que o casal está constituindo a sua identidade conjugal. Neste escopo, o novo casal não dispõe de privacidade para adaptar-se à vivência conjugal, uma vez que os filhos, de um ou de ambos, já existem e demandam atenção e cuidados. As narrativas das madrastas mencionam suas experiências referentes ao convívio com seus próprios filhos e enteados.

Ele foi morar com a gente quando a gente casou. Eu voltei da lua de mel e ele tava na minha casa... Uma coisa que me marcou foi que a assistente falou assim: 'E você, tá preparada pra ter uma criança em casa? Você tá preparada pra sair do banho e não poder andar pelada em casa? E você quer transar com o seu marido no sofá e não poder?' Aí eu: 'não tinha pensado nisso' (risos)... Eu perdi a privacidade que era tão sonhada (MADRASTA 5, 28 anos).

Às vezes fica muito conturbado porque começa a girar tudo em função deles (filho e enteado)... Hoje a gente consegue sair porque ficam os dois juntos em casa, um de 15 e um de 11... Aí então a gente consegue ter momentos só nossos agora... A gente não teve uma rede de apoio, então durante muito tempo era tudo em função deles, então teve um momento que ficou chato o casamento, mas agora a gente tá saindo pra se divertir, viajar sozinhos, então tá bom (MADRATA 10, 38 anos).

A limitação da privacidade, seja pela entrada dos enteados ou pelo nascimento de um filho, altera a dinâmica do casal, pois acrescenta a dimensão da parentalidade à conjugalidade (PAPERNOW, 2013). Vale ressaltar que, das 16 madrastas entrevistadas, dez residiam com, pelo menos, um enteado. Esses dados apontam para um número maior de pais residindo com seus filhos, embora os dados do IBGE (2012) afirmem que 87,1% das mães obtiveram a guarda de seus filhos, após a separação conjugal. A despeito da diversidade de contextos, os pais almejam envolvimento afetivo e participação na vida dos seus filhos (WARPECHOWSKI & MOSMANN, 2012).

Nesse contexto, o cotidiano é modificado para acolher as crianças e, em algumas situações, o casal passa a adaptar as demandas conjugais conforme as necessidades dos filhos/enteados. Certamente as demandas relativas ao exercício da parentalidade precisam ser atendidas, todavia, quando o casal não consegue espaço para construir a sua identidade conjugal, as dimensões da conjugalidade e da parentalidade podem permanecer indiscriminadas. Ademais, a excessiva idealização acerca das funções parentais e conjugais, no recasamento, possibilita que sejam projetadas no novo parceiro uma série de expectativas não cumpridas (MAGALHÃES, FÉRES-CARNEIRO, HENRIQUES & TRAVASSOS-RODRIGUEZ, 2013).

As adaptações e os rearranjos suscitados pela entrada dos enteados na dinâmica conjugal colocam em voga a necessidade de considerarmos os novos relacionamentos e papéis exercidos pelos integrantes da família recasada. Pensamos, a partir dos dados, que a disponibilidade da madrasta em acolher os filhos do marido como integrantes significativos da família pode trazer contribuições ao casal conjugal. O manejo satisfatório do investimento afetivo nos novos vínculos familiares favorece tanto a conjugalidade quanto a parentalidade. Em contrapartida, o superinvestimento afetivo em uma dimensão pode sugerir escassez em outra.

Estabelecer fronteiras permeáveis que facilitem a circulação dos membros da família recasada, aceitar as responsabilidades parentais que o cônjuge tem com os filhos de casamentos anteriores e buscar a flexibilidade em torno dos papéis de gênero, são medidas que contribuem para relacionamentos saudáveis (McGOLDRICK & CARTER, 2001; PRYOR, 2014). No que tange aos papéis de gênero, a maioria das madrastas relatou sentir sobrecarga ao conciliar o trabalho, os enteados, os filhos e a organização da rotina da casa.

Sou eu que resolvo as coisas da casa, compra de mês, coisas da casa, tudo... É que o M. (marido) fez isso também, ele entregou, ele disse: 'tá aqui'. Ele tirou o time de campo. Quando eu entrei, eu assumi tudo... Eu administro tudo (MADRASTA 6, 40 anos).

Ele (marido) não me cobrava que eu o ajudasse, mas eu não conseguia ficar sentada, vendo televisão, de braços cruzados, com as crianças em casa. Não tinha a menor condição. Ajudar no banho, enquanto o outro tá esquentando o jantar, catar os brinquedos... (MADRASTA 11, 41 anos).

Eu me sinto sobrecarregada porque eu fico com o B. (filho) até a hora dele ir pro colégio, aí, a partir do momento que ele vai pro colégio eu posso trabalhar, fazer compras, marcar médico... É bem corrido... É uma situação muito complicada porque o marido ganha muito mais do que a mulher, na maioria das casas brasileiras, aí, a mulher dá retaguarda pra ele trabalhar e botar dinheiro... Ao mesmo tempo, ela não consegue se dedicar mais ao trabalho dela e, por isso, não ganha mais, entendeu? (MADRASTA 13, 37 anos).

Convocadas, pelos maridos e por si mesmas, as madrastas assumem a responsabilidade de gerir o lar, cuidar dos filhos e enteados, além de manter os compromissos profissionais. Conciliar a carreira, a administração da casa e a rotina das crianças parece ser um dos maiores desafios enfrentados pelas mulheres na contemporaneidade, estejam elas em um primeiro casamento ou em um recasamento.

Algumas madrastas sugerem a manutenção dos papéis tradicionais de gênero, em que os homens são os provedores e as mulheres se incumbem de cuidar dos filhos e da casa. Em contrapartida, Silva et. al., (2012), ao realizarem pesquisa acerca das representações sociais sobre a conjugalidade no recasamento, postulam a tendência de relacionamentos conjugais mais igualitários. Esses dados apontam para a convivência, na contemporaneidade, de relacionamentos tanto pautados em dinâmicas que priorizam os papéis tradicionais de gênero quanto em relacionamentos nos quais os papéis exercidos pelos sujeitos podem ser flexíveis e

cambiáveis (FÉRES-CARNEIRO & ZIVIANI, 2009). A coexistência de configurações mais tradicionais ou mais modernas deflagra a necessidade do convívio com o diferente (WAGNER & LEWANDOWSKI, 2008).

Vale destacar que, das 16 madrastas entrevistadas, 15 estavam trabalhando e, dentre elas, 12 possuem pós-graduação. Os dados do IBGE (2010) acerca do nível de instrução afirmam que a população feminina superou a masculina neste quesito. Enquanto 9,9% dos homens possuem curso de graduação, as mulheres representam 12,5%. O maior investimento feminino na vida profissional está transformando os valores acerca do papel da mulher e, conseqüentemente, alterando as relações entre os gêneros.

Os diversos papéis assumidos pelas mulheres - mãe/madrasta, dona de casa e profissional - implicam em uma maior participação do pai na criação dos filhos/enteados e nos afazeres domésticos. A inserção da mulher no mercado de trabalho originou mudanças nas famílias e nas relações de gênero, convocando o pai a ocupar um lugar mais participativo na interação familiar (JABLONSKI, 2009; ROCHA-COUTINHO, 2015). Articulando as demandas conjugais com as parentais, encontramos em algumas narrativas, relatos que apontam que as madrastas admiram o modo como os seus maridos exercem a função parental.

Você tem que amar muito e ter muita vontade de construir uma família com ele... Não foi fácil... Ele falou pra mim: 'eu não vou desistir da minha filha' porque a I. (mãe) fez tudo pra ele desistir da V. (enteada) porque ela queria construir pra filha uma imagem como se o pai tivesse abandonado ela. O fato dele não ter desistido me fez ver a capacidade paterna dele. Eu admiro muito isso nele (MADRASTA 14, 39 anos).

Imerso na teia de interações familiares, o 'novo pai', encontra-se, efetivamente, mais envolvido na vida de seus filhos (SOUZA & BENETTI, 2009). Neste contexto, a capacidade do marido em continuar engajado no exercício das funções parentais é percebida pelas madrastas como um aspecto positivo, sendo motivo de admiração. Assim, percebemos que o investimento no exercício das funções parentais pode repercutir de maneira positiva na conjugalidade do novo casal, uma vez que o marido se sente legitimado pela sua esposa a manter as responsabilidades parentais e o vínculo com seus filhos, possibilitando que os investimentos afetivos nas dimensões conjugais e parentais adquiram um caráter dinâmico.

A necessidade de elaborar as vivências, processar as emoções e negociar as diferenças com seus cônjuges também surgiu nas falas das madrastas. Algumas afirmaram que não teriam mantido o recasamento sem a sua psicoterapia individual, do enteado ou a do casal.

Eu nunca pensei que não iria assumir essa história por causa dos filhos... Eu to feliz, mas eu entrei aqui e levei muita porrada, então eu to me reestruturando. Eu e o M. (marido) estamos fazendo uma terapia juntos pra saber como lidar com as crianças (MADRASTA 6, 40 anos).

Eu posso dizer que se não fosse o meu espaço de análise pra poder falar disso e não despejar no casamento, eu não sei se eu teria dado conta... Às vezes é isso, você tá transbordando de emoções ali e um destempero, você despeja em cima da pessoa e ela não entende, não sabe nem o que você tá falando. Eu tenho a certeza de que ele (marido) não tem ideia do que aconteceu comigo (MADRASTA 11, 41 anos).

A V. (enteada) foi pra terapia com seis pra sete anos, então, quando a gente casou ela tinha uns nove pra dez e aí ela conseguiu levar essas alianças... Eu convidei ela pra levar, foi muito trabalhado na análise dela... Ela faz análise desde a separação dos pais... Eu acho que a nossa vida, eu não sei como teria sido. Eu fazendo análise, ela e ele (marido). E agora a mãe da V. também (MADRASTA 14, 39 anos).

Os relatos preconizam o espaço terapêutico como um local privilegiado para elaboração das mudanças pessoais e relacionais vivenciadas no recasamento. Identificar a dinâmica conjugal, entrando em contato com os anseios, expectativas, idealizações, frustrações, entre outros aspectos, pode favorecer a promoção da saúde emocional dos sujeitos envolvidos no recasamento.

No âmbito da conjugalidade, pesquisas apontam a comunicação como um aspecto fundamental para o bom relacionamento do casal. Desentendimentos gerados pela perda de controle das emoções, pela falta de comunicação e pelo medo de se expor, podem desencadear conflitos conjugais (PAPERNOW, 2013; TADEU DA SILVA, 2012; WAGNER, FALCKE & MOSMANN, 2015).

3.2.2

Repercussões da conjugalidade anterior na conjugalidade atual

A partir das narrativas das madrastas podemos observar que o relacionamento dos seus maridos com suas ex-mulheres, juntamente com as

vivências relativas à elaboração do processo de luto da separação anterior, perpassam o relacionamento atual, influenciando a interação conjugal do casal recasado.

A primeira, a mãe do H. (enteado) frequenta a minha casa, mas com a segunda (ex-mulher) é um pouco mais delicado. Quando o P. (marido) casou com a primeira mulher, ele sabia que não ia ficar com ela, então não era um projeto de vida junto e o segundo casamento era um projeto de vida junto que não deu certo, então foi muito mais doloroso, foi muito mais frustrante, um luto muito maior. Eu acho que deixou marcas muito mais profundas (MADRASTA 3, 43 anos).

No atual momento... Nós nos casamos, agora a vítima é ela (mãe). Ela se coloca para os filhos nessa situação. Existe uma campanha contra mim... Não é sem sofrimento... Nessa dinâmica que não é 100%, eu tento fazer com que isso não afete a minha relação (MADRASTA 6, 40 anos).

Eu falava pro O. (marido): 'o problema não é você ter dois filhos, o problema é você ter duas ex-mulheres'. E aí tinha aquela coisa de não trocar o fim de semana... No início ela tava toda rígida nos horários e eu dando plantão, às vezes queria viajar no fim de semana, tava com eles e aí a gente tinha que ficar... Eu tinha que organizar tudo pra quando eu não estivesse de plantão ou quando eu não estivesse com as crianças, então, isso foi o mais complicado (MADRASTA 10, 38 anos).

Não é o ideal pra mim. Não é o que eu sonhava. Eu achava que ia ser mais fácil e às vezes eu sinto que atrapalhou um pouco (a vida do casal). Eu, às vezes, eu tenho um pouco de inveja das mulheres que casaram com homens que não tinham uma história anterior, mas eu aprendi muito (MADRASTA 14, 39 anos).

As falas sugerem a interferência da ex-esposa, em diversos fatores na vida do casal. A flexibilidade em modificar a rotina para acomodar as necessidades parentais e o respeito ao período de luto do casamento anterior vivenciado pelo cônjuge são maneiras encontradas pelas madrastas para apoiar seus maridos. O conceito de qualidade conjugal seria o resultado de um processo dinâmico e relacional acerca do nível de qualidade experimentado naquela união, considerando as dimensões contextuais, os recursos pessoais e os processos adaptativos (MOSMANN, WAGNER & FÉRES-CARNEIRO, 2006). Desta forma, a qualidade conjugal estaria ligada à capacidade dos sujeitos em lidar com as diferenças, superar os momentos de crise e se readaptarem às novas situações e demandas, conjugais e parentais.

Os maridos, por sua vez, podem preservar as madrastas dos possíveis impactos advindos da conjugalidade anterior. Assim como o 'novo pai' foi adquirindo novas funções no que diz respeito à parentalidade, o 'novo marido' deve investir na demarcação das fronteiras entre a conjugalidade atual e a

parentalidade exercida com sua ex-esposa. Todavia, pensamos que, caso o luto pelo casamento anterior não seja elaborado, o marido pode incluir a atual mulher e a ex-mulher em uma triangulação (BOWEN, 1991), compreendendo uma díade e um terceiro, que será convocado a participar quando o nível de desconforto e de ansiedade aumentar entre as duas pessoas. A entrada do terceiro surge para aliviar a tensão na díade.

McGoldrick e Carter (2001) afirmam existir, no recasamento, uma bagagem emocional composta pela família de origem, pelo primeiro casamento, pelo processo de separação conjugal e pelo período entre os casamentos. Segundo estas autoras, a bagagem emocional pode gerar conflitos e sofrimento psíquico quando os sujeitos se sentem vulneráveis a novas mágoas ou quando esperam que o novo relacionamento atenuar o sofrimento e as dificuldades vivenciadas no relacionamento anterior. Em contrapartida, quando cada cônjuge consegue elaborar e transformar as suas próprias questões emocionais, o recasamento pode seguir seu curso de maneira satisfatória (PAPERNOW, 2013).

Até as separações mais desejadas podem gerar sentimentos de perda, solidão, vazio e tristeza, que são característicos do período pós-divórcio, necessitando de tempo para serem elaborados e transformados. Quando o processo de separação possibilita o amadurecimento emocional e a reconstrução da identidade individual, os ex-cônjuges podem entrar em novos relacionamentos com menos pendências dos relacionamentos anteriores. Da mesma forma, passada a crise inicial, o processo pode contribuir para a resiliência de todos envolvidos (PAPERNOW, 2013, WAGNER & FÉRES-CARNEIRO, 2000). Compartilhar as funções com o cônjuge, cuidar das bagagens emocionais próprias e do outro, juntamente com o manejo dos investimentos afetivos referentes ao casal e aos filhos/enteados podem ser fatores construtores e consolidadores da conjugalidade no recasamento.

Dentre as 16 madrastas, sete relataram que a separação do marido no casamento anterior ocorreu de modo consensual. Em três casos, as mulheres solicitaram a separação e, em seis relatos, os homens o fizeram. Ressaltamos, nas narrativas das madrastas, a rapidez com que os homens se recasaram.

Três meses depois eu fui morar com ele. Aí ela (ex-mulher) achava que eu tava grávida... Ela ficou achando que a gente teve algum caso antes e não teve nada, mas foi um prazo muito curto, então eu acho que ela pode ter falado mal de mim pro D. (enteado) (MADRASTA 10, 38 anos).

Eu conheci, tinha cerca de um mês que ele tava morando na casa de um amigo... A gente engrenou muito rápido, então eu acho que essa separação, pra ele, já, aliás, ele tava fazendo análise pra fazer a separação. Pra ex-mulher, já nem tanto, porque, ao longo do tempo a gente foi vendo algumas dificuldades... Eu posso dizer que a gente tá juntos há dez anos e tem cerca de dois anos que a convivência tá amigável... Antes era civilizada, mas melhor não encontrar, entendeu? (MADRASTA 11, 41 anos).

O começo foi bem difícil, foi coisa de novela, recadinho, telefonema pra me xingar ...ele (marido) que quis se separar. Como foi muito rápido, ficou aquela coisa no ar de que a gente já tava juntos antes e não tava (MADRASTA 13, 37 anos).

A rapidez dos homens em se recasar corrobora dados de outras pesquisas que afirmam que os homens têm mais dificuldade do que as mulheres, em ficar sozinhos, buscando, no recasamento, a constituição de uma nova família (FÉRES-CARNEIRO, 2003; SILVA et. al., 2012). A pressa que pode levar os homens a formarem uma nova família leva-nos a refletir acerca da possível dificuldade de elaboração do luto referente ao casamento anterior e tudo aquilo que este significava, podendo influenciar na interação do novo casal. Dentro do panorama de desenlace conjugal e recasamento, um dos grandes desafios vivenciados na separação e, posteriormente, no recasamento, é a dificuldade em discriminar os aspectos referentes à dissolução da conjugalidade e à manutenção dos papéis parentais.

3.3

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O recasamento surge como possibilidade de uma nova vinculação, permitindo que a intimidade, a afetividade e o companheirismo possam ser vivenciados. Esta configuração compreende o entrelaçamento de diversas famílias, sugerindo a necessidade de permanentes negociações acerca das fronteiras, da privacidade, do espaço e da criação de novos rituais, colaborando para que se estabeleça o sentimento de pertencimento e a construção de uma nova identidade familiar.

Contudo, a história do casamento anterior, assim como as lembranças passadas, boas ou ruins, estarão sempre ligadas à presença dos filhos desse casamento. Assim sendo, aspectos referentes ao modo como o casamento anterior acabou, o modo como o casamento atual começou, e o período existente entre um e outro são constitutivos do recasamento. Esta configuração abarca o tempo passado em um tempo presente, onde as memórias não são compartilhadas por todos os integrantes da família. Entretanto, novas memórias podem ser criadas e memórias passadas processadas, ao longo do tempo, favorecendo a construção da identidade familiar.

No que diz respeito à conjugalidade, o novo casal precisa criar um ambiente profícuo para negociar seus desejos, expectativas, necessidades, sonhos, anseios e valores. Estabelecer fronteiras nítidas, que delimitem a conjugalidade e a parentalidade, demanda trabalho, dedicação e flexibilidade para adaptar-se às vicissitudes do recasamento. Assim sendo, preservar as funções parentais, discriminando-as das funções conjugais, favorece o interjogo entre estas duas dimensões.

A complexidade e as expectativas acerca dos papéis parentais podem gerar sofrimento e conflitos, dificultando a distinção entre as funções conjugais e parentais, no recasamento. Entretanto, esta complexidade pode contribuir para relacionamentos mais flexíveis, possibilitando que as experiências compartilhadas adquiram um caráter singular e fomentem, nos componentes da família recasada, o sentimento de pertencimento.

Percebemos que as madrastas se deparam com inúmeros desafios ao conciliar as vivências individuais, profissionais, o relacionamento conjugal e o exercício das funções parentais com seus filhos e enteados. Lidar com o processo de luto referente ao casamento anterior do cônjuge, com as reorganizações cotidianas e com os possíveis embates entre o cônjuge e sua ex-esposa foram alguns desafios elencados pelas mesmas. No cerne destas considerações, a carga de afetos relativos ao fracasso do projeto de vida do casamento anterior pode ser projetada nas madrastas, repercutindo no relacionamento conjugal atual.

Constatamos que uma das medidas promotoras de saúde emocional é a madrasta, de acordo com seu contexto familiar, apoiar o marido nas questões referentes aos cuidados com os filhos de casamentos anteriores, assim como tentar compreender as possíveis interferências que os relacionamentos anteriores poderiam vir a exercer sobre o recasamento. Em relação ao marido, espera-se a compreensão acerca das possíveis repercussões do seu relacionamento anterior no atual, a fim de que possa filtrar a quantidade e a intensidade das interferências que perpassariam o seu recasamento.

Observamos, nas narrativas das madrastas, a necessidade de elaborar as expectativas, frustrações, fantasias, receios e idealizações construídas ao longo do recasamento. A capacidade de a família recasada em construir uma nova identidade familiar, abarcando suas diversas tonalidades e contrastes, está relacionada à possibilidade de elaboração e identificação desses estados emocionais. Neste sentido, o fato de muitas madrastas buscarem psicoterapia nos levaria a pensar que estariam buscando novas maneiras de se comunicar com os seus maridos e enteados, além de procurar entender suas escolhas e vivências, vislumbrando, dessa maneira, novas formas de conciliar aspectos individuais, conjugais e parentais.

Ademais, apesar do questionamento acerca da tradicional divisão dos papéis de gênero, de acordo com os dados encontrados, ainda prevalece a ideia de que caberia à mulher, fundamentalmente, os cuidados com a prole e a casa. Na linha dessas considerações, atrelar os cuidados destinados aos filhos/enteados à natureza feminina pode gerar sentimento de culpa e sobrecarga para as mulheres.

Os vínculos que se criam dentro da família recasada representam importante fonte de material de estudo que podem trazer conhecimento acerca dos relacionamentos e suas repercussões na família. Constatamos a importância da

realização de novas pesquisas que investiguem as nuances da conjugalidade na família recasada, visando à promoção de saúde emocional de todos os seus integrantes.

4.

A DÍADE MADRASTA-ENTEADO: NARRATIVAS NO CONTEXTO DO RECASAMENTO.

Resumo

O presente estudo é parte de investigação mais ampla sobre a conjugalidade e a parentalidade no recasamento. Foram entrevistadas 16 madrastas e as entrevistas analisadas pelo método de análise de conteúdo. Na investigação mais ampla, emergiram das narrativas seis categorias de análise: *lugar da madrasta na família; denominação madrasta; conjugalidade no recasamento; díade madrasta-enteado; tríade madrasta-enteado- mãe; transmissão geracional*. Neste estudo, cujo objetivo é investigar as vicissitudes da relação entre as madrastas e seus enteados, discutiremos a categoria *díade madrasta-enteado*. As demais categorias foram discutidas em outros trabalhos. Constatamos que a relação entre as madrastas e seus enteados, além de ser construída gradualmente, é perpassada pelo pai e pela mãe que autorizam ou coíbem o vínculo entre os membros da díade.

Palavras-chave

Madrasta; enteado; recasamento; mãe; pai.

Abstract

The present study is part of a wider investigation about conjugality and parenthood in remarriage. Sixteen stepmothers were interviewed and the interviews were analyzed using the content analysis method. From the wider investigation within the narratives six categories of analysis emerged: *the stepmother's place in the family*; *stepmother denomination*; *conjugality in remarriage*; *stepmother-stepchild dyad*; *stepmother-stepchild-mother triad*; *generational transmission*. The present study, which will discuss the *stepmother-stepchild dyad*, aims to investigate the vicissitudes of the relation between stepmothers and their stepchildren. The remaining categories were discussed in other studies. We observed that the relation between the stepmother and the stepchild, besides being built gradually, is permeated by the father and the mother, who authorize or shy away the bond between the dyad members.

Keywords

Stepmother; stepchild; remarriage; mother; father.

Os altos índices de divórcios, uniões consensuais e recasamentos, juntamente com o menor número de casamentos, têm contribuído para o surgimento de novas dinâmicas familiares. Segundo Giddens (1993), as mudanças mais importantes que vêm ocorrendo na sociedade contemporânea dizem respeito à vida pessoal, aos papéis de gênero, à sexualidade, ao casamento e à família. Contudo, mesmo diante das inúmeras transformações e da pluralidade de configurações familiares contempladas atualmente, a família continua existindo como um grupo afetivo, possibilitando a transmissão geracional de valores, crenças e emoções, além de continuar sendo um forte mediador entre o indivíduo e a sociedade (FÉRES-CARNEIRO, PONCIANO & MAGALHÃES, 2007).

Vinculadas aos avanços tecnológicos ou ao âmbito socioeconômico, as transformações pelas quais a família vem passando, referem-se, principalmente, à sua configuração e estrutura. Quanto à configuração, novas formas de se relacionar ampliaram a concepção de família, tornando mais complexa a identificação dos membros que dela fazem parte. Os aspectos relativos à delimitação de fronteiras, à hierarquia, à convivência e ao estabelecimento de regras e limites, referem-se à sua estrutura (WAGNER & LEWANDOWSKI, 2008).

A sociedade contemporânea carece de padrões e rituais que auxiliem no manejo dos complexos relacionamentos e papéis desempenhados pelos membros da família recasada, engendrando a necessidade de se criar um novo paradigma que abarque as singularidades dos relacionamentos iniciados a partir da união do novo casal (McGOLDRICK & CARTER, 2001; SILVA, TRINDADE & SILVA JUNIOR, 2012; WAGNER, TRONCO & ARMANI, 2011).

Passar do ‘nós’ da família do primeiro casamento ou do casamento anterior ao ‘nós’ do recasamento, não ocorre de imediato. Papernow (2013) sugere um período de adaptação que varia de dois a quatro anos para criar a identidade daquele grupo familiar, acrescentando três aspectos que favorecem o estabelecimento deste ‘meio termo familiar’. O primeiro surge a partir dos interesses e valores similares compartilhados entre os sujeitos. O segundo aspecto tende a ocorrer de forma gradual e se refere aos padrões de comportamento,

hábitos e rituais construídos em conjunto pelos integrantes da família recasada. E, finalmente, o terceiro ocorre quando as diferenças precisam ser negociadas.

O período de adaptação de todos os sujeitos ao recasamento leva tempo, conforme observado em diversas pesquisas. Enquanto McGoldrick e Carter (2001) e Papernow (2013) afirmam levar de dois a quatro anos, Hetherington e Kelly (2002) sugerem um período de adaptação variando de cinco a sete anos. Observamos que a construção dos vínculos afetivos, baseados na confiança e no respeito, demanda que os sujeitos convivam, dialoguem e negociem as diferenças. A adaptação ao recasamento ocorre de maneira diferente para cada sujeito. No bojo dessas considerações, o tempo, a paciência, a flexibilidade e a tolerância, tornam-se fundamentais para se forjar a identidade familiar (COSTA & DIAS, 2012; PAPERNOW, 2013).

O recasamento provoca uma reestruturação dos padrões de relacionamento entre seus membros no que concerne aos papéis, responsabilidades, além de mudanças na rotina, nos arranjos financeiros, de moradia, dentre outros. Embora os laços conjugais tenham sido rompidos e, posteriormente, refeitos, os laços parentais do relacionamento anterior permanecem, uma vez que os pais continuam responsáveis pela educação e cuidados dos filhos. Assim sendo, a separação conjugal inicia uma nova dinâmica no que diz respeito ao exercício dos papéis parentais (GRZYBOWSKI & WAGNER, 2010). Nesse contexto, podemos pensar que o sujeito que se recasa e possui filhos de relacionamentos anteriores pode vir a exercer os papéis parentais, tanto com seus ex-cônjuges quanto com os seus atuais companheiros, expandindo, desse modo, a parentalidade (MAGALHÃES, FÉRES-CARNEIRO, HENRIQUES & TRAVASSOS-RODRIGUEZ, 2013).

O termo coparentalidade surgiu na década de 70, para lidar com o exercício das funções parentais após o divórcio (Ahrns, 1981). Cabe ressaltar que o termo não é aplicado somente em casos de divórcio, sendo utilizado também para abordar a negociação que os pais fazem em cooperação para a educação dos seus filhos. O termo foi retomado recentemente por Madden-Derdich e Leonard (2002) para estudar a interação entre os ex-cônjuges nas decisões referentes às vidas dos filhos.

A coparentalidade pode ser pensada como o interjogo de papéis relativos aos cuidados destinados às crianças, não se restringindo somente aos pais, casados ou separados, abarcando também situações nas quais dois adultos compartilham

as funções parentais, negociando seus papéis e responsabilidades, com o intuito de promover a saúde emocional dos filhos/enteados. Nesse contexto, a madrasta que participa dos cuidados e da educação dos enteados, impondo regras e limites, assumindo responsabilidades parentais com seu marido, está exercendo a coparentalidade.

Observamos, no recasamento, o aumento do número de pessoas envolvidas nos cuidados com os filhos e/ou enteados, podendo representar oportunidade, não somente para o novo casal, mas também para os filhos/enteados, de criar vínculos familiares socioafetivos. Pesquisar como são construídos os laços afetivos na díade madrasta-enteado, a responsabilidade que ela teria ou não para com ele, a sobreposição de regras e limites (provenientes do núcleo familiar anterior e estabelecidos no novo núcleo familiar), juntamente com aspectos referentes ao sentimento de pertencimento à família, podem promover reflexões acerca dos desafios e potencialidades circunscritos a essa díade. Dessa forma, o presente estudo tem como objetivo investigar, a partir da percepção das madrastas, as vicissitudes da relação entre elas e seus enteados.

4.1

MÉTODO

4.1.2

Participantes

Participaram deste estudo 16 madrastas, com idades variando entre 28 e 43 anos, residentes na cidade do Rio de Janeiro e pertencentes às camadas médias da população. Partimos da definição de camadas médias como algo mais abrangente e complexo do que classe social, considerando as semelhanças entre os indivíduos deste grupo (VELHO, 1987).

Das 16 madrastas, dez residem com, pelo menos, um enteado; três passam, pelo menos, um dia da semana com os enteados, revezando os finais de semana; e três encontram com os enteados nos finais de semana a cada 15 dias. A Tabela 1 (em anexo) apresenta e descrição do perfil das participantes.

4.1.3

Instrumentos e procedimentos

Como instrumento de investigação, foram realizadas entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro semiestruturado das entrevistas foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, contemplando questões abertas, elaboradas com base nos seguintes eixos temáticos: construção do lugar da madrasta; o imaginário social acerca da madrasta; vivência da conjugalidade no recasamento; construção do vínculo com os enteados; relação com as mães dos seus enteados. As entrevistas tiveram a duração de uma a três horas e o local, data e horário, foram agendados de acordo com a disponibilidade das madrastas. O acesso às participantes ocorreu por meio de indicações, configurando, portanto, uma amostra de conveniência.

4.1.4

Cuidados éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição onde foi desenvolvido. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação dos resultados em ensino, pesquisa e publicação, e foram informadas de que a sua identidade e a de seus familiares seriam preservadas

4.1.5

Análise e discussão dos resultados

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistadas aos fenômenos (BARDIN, 2011). Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise.

Na investigação mais ampla sobre conjugalidade e parentalidade no recasamento, da qual este estudo faz parte, emergiram das narrativas das entrevistadas seis categorias de análise: *lugar da madrasta na família*; *denominação madrasta*; *conjugalidade no recasamento*; *díade madrasta-enteado*; *tríade madrasta-enteado-mãe*; *transmissão geracional*. Para atingir os objetivos formulados no trabalho que ora apresentamos, discutiremos a categoria *díade madrasta-enteado*. Para apresentação dos resultados, as madrastas foram nomeadas de um a 16, colocando-se, em seguida, a idade de cada uma.

4.2

DÍADE MADRASTA-ENTEADO

A partir das narrativas das madrastas, a categoria *díade madraستا-enteado* foi desdobrada em quatro subcategorias: *construindo o relacionamento com os enteados*; *responsabilidade com os enteados*; *participação na educação – regras, limites e cobranças*; e *quem pertence à família?*

4.2.1

Construindo o relacionamento com os enteados

Embora a maioria das madrastas tenha afirmado manter um bom relacionamento com seus enteados, observamos a importância do tempo, além do respeito ao espaço do outro, e a paciência, como fatores fundamentais à construção do vínculo afetivo entre eles. Algumas falas sugerem que o relacionamento com o enteado foi conquistado.

A gente (madrasta e enteados) tem uma relação muito bacana e foi uma construção devagar, respeitosa, sem ninguém invadir o espaço do outro e eu acho que isso foi muito importante, a coisa do ir lentamente, de saber que o tempo joga a favor e não contra. Botar o tempo a nosso favor (MADRASTA 3, 43 anos).

Eu acho que tem que esperar ter uma consistência na relação, sabe? Uma conquista também. Uma calma, eu acho que uma calma, tem que ter uma calma pra você estabelecer uma relação e aí sim, você poder agir naturalmente (MADRASTA 11, 41 anos).

As narrativas das madrastas, enfatizando o tempo e a calma como aliados à constituição do vínculo afetivo com os enteados, mostram-se antagônicas ao mito do amor instantâneo, no qual se espera que os sujeitos envolvidos no recasamento passem a se relacionar de maneira harmônica, de imediato (GRISARD FILHO, 2010). No mito, os cônjuges acreditam que o sentimento que os uniu deve ser compartilhado, instantaneamente, por todos. Porém, esperar que os sujeitos mantenham relacionamentos afetuosos, imediatamente, opõe-se ao tempo e

investimentos necessários à adaptação e à construção dos vínculos na família recasada (COSTA & DIAS, 2012). Desse modo, o passar do tempo e o maior convívio com os enteados podem fomentar o surgimento de relacionamentos promotores de saúde emocional. Constatamos, a partir das entrevistas, que o período de adaptação de todos os sujeitos ao recasamento levou, pelo menos, três anos.

Pesquisando acerca do desenvolvimento dos vínculos afetivos na família recasada, Golish (2003) afirma que as famílias capazes de criar relacionamentos promotores de saúde emocional são aquelas nas quais a comunicação é fluida e eficaz e as regras e fronteiras são nítidas. Além disso, passar tempo ‘em família’, estar comprometido em buscar soluções para os problemas familiares e preservar a imagem do pai/mãe que não coabita com seus filhos também são promotores apontam para o bem-estar e fortalecimento dos vínculos nesta configuração familiar.

Valentim de Sousa e Dias (2014) ressaltam que, após o período de adaptação dos sujeitos na família recasada, os enteados demonstraram manter um bom relacionamento com seus padrastos e/ou madrastas. Essas autoras afirmam que a construção do vínculo afetivo entre madrastas/padrastos e enteados ocorre quando os padrastos/madrastas não iniciam o relacionamento com seus enteados de maneira intrusiva, procurando não interferir nos relacionamentos estabelecidos anteriormente. A esse respeito, percebemos o cuidado das madrastas para não invadir o espaço do marido com seus filhos, colaborando para a manutenção do relacionamento afetivo estabelecido entre eles.

O D. (marido) levou a W.(enteada) pra Disney e eu não fui, foram os dois. Eu acho que eles precisam do espaço deles... A primeira coisa que a criança precisa saber é que aquele espaço, dela com o pai, vai ser preservado... Eu acho que o recasamento é uma arte (MADRASTA 2, 43 anos).

Pesquisa realizada por Martin-Uzzi e Duval-Tsioles (2013) sugere que padrastos e madrastas se sentem confusos diante do papel parental que passam a desempenhar na família. Alguns padrastos e madrastas gostariam de exercer a função parental juntamente com os seus cônjuges, gerando conflito com a mãe ou o pai dos seus enteados. Em seus relatos, as madrastas e os padrastos mencionaram sentir dificuldade em encontrar o seu lugar na relação entre os

pais/mães e seus filhos. Já os pais e mães discorreram acerca do sentimento de culpa relativo à sobrecarga que os seus filhos pudessem causar aos padrastos/madrastas, além da preocupação de que os mesmos se sentissem fora da interação familiar referente aos cuidados e responsabilidades parentais. As autoras sugerem que as vicissitudes das relações parentais possuem forte influência na experiência conjugal do casal recasado.

Muitas narrativas apontam para o sentimento de culpa que o marido sente por ter infligido aos filhos uma nova realidade familiar.

Quando eu conheci a W. (enteada) tudo foi super natural... Pais separados, culpados, então o final de semana era da criança... Eu acho isso uma loucura porque as crianças aqui no Brasil, na nossa classe social, um absurdo, os filhos mandam nos pais... Quando eu conheci o D. (marido), no fim de semana dele, ele dizia: "W. o que você quer fazer?" eu acho isso normal porque ele tava morrendo de saudade dela... eu acho que criança tem opinião, sim, mas não dá pra ela mandar nos pais (MADRASTA 2, 43 anos).

Ele se separou e ele tinha uma insegurança enorme de que a S. (enteada), que era muito pequena, não tivesse relação com ele. Era um sofrimento, aquilo, uma culpa, aí, desde sempre, saiu de casa, eu acho, ele já pensava numa maneira de viver com os filhos. Então, assim, era a coisa mais importante pra ele (MADRASTA 11, 41 anos).

As narrativas demonstram a preocupação dos maridos para com seus filhos e sugere que o sentimento de culpa do marido pelas mudanças impostas aos filhos atravessa o relacionamento entre as madrastas e seus enteados, podendo influenciar, por conseguinte, tanto o relacionamento com seus filhos quanto o relacionamento conjugal do novo casal. Segundo Kehl (2003), a nostalgia da família tradicional idealizada pode gerar no adulto o sentimento de dívida para com seus filhos/enteados, dificultando a sustentação da posição de autoridade responsável perante os mesmos.

Algumas madrastas relatam a necessidade de redefinir o relacionamento com os enteados, pois, no início, queriam educar e impor limites, sem antes ter estabelecido um vínculo afetivo com os mesmos. Elas afirmam ter aprendido, no convívio, a melhor maneira para lidar com seus enteados. A esse respeito, Ganong, Coleman e Jamison (2011) afirmam que 'mudanças na trajetória' é um dos padrões de desenvolvimento do relacionamento entre madrastas e enteados. Percebemos a flexibilidade e a disponibilidade emocional das madrastas para se readaptar aos diversos contextos e papéis.

4.2.2

Responsabilidade com os enteados

A maioria das madrastas que reside com seus enteados relata se sentir tão responsável quanto seus maridos. Algumas afirmam se sentir responsáveis pelas funções da casa ou em ajudar na educação dos enteados. E, por fim, aquelas que convivem quinzenalmente com os enteados mencionam não ter qualquer responsabilidade com eles. Observamos a intrínseca relação entre a responsabilidade e o fator coabitação.

Responsabilidade mesmo, mesmo eu não tenho e nunca tive. Quando ela tá com a gente, o pai e a avó deixam ela dormir a hora que quiser e acordar na hora que quiser. Eu não gosto disso... Mas, na verdade eu nunca tive responsabilidade com ela porque eu sou a terceira; primeiro é o pai, depois é a avó e por último sou eu (MADRASTA 7, 36 anos).

Eu me sinto responsável por muita coisa, né? Eu assumo todas as funções... Era uma demanda, assim, de uma hora pra outra, eu tinha dois filhos, trocar a fralda, tirar a fralda à noite... De repente você tem obrigações, né? O que sobrecarrega são as atividades, de dentista, é com a gente aqui. A gente que leva, que busca, que marca, que acompanha.... Mas eu precisei de um tempo pra ir, e com prazer... O que incomoda, da divisão, não é a financeira, é a da responsabilidade (MADRASTA 11, 41 anos).

As falas apontam a diversidade de dinâmicas estabelecidas entre madrastas e enteados. Enquanto muitas dividem a responsabilidade parental com seus maridos, algumas permanecem responsáveis pelas questões domésticas para atender às necessidades dos enteados, enquanto outras não possuem quaisquer responsabilidades para com eles.

Tecer relacionamentos pautados em se sentir mais ou menos responsáveis pelos enteados parece relacionar-se com a coabitação. Nesse sentido, o maior convívio poderia propiciar relacionamentos em que a madrastra e seu marido dividiriam as responsabilidades relativas aos filhos/enteados. Percebemos, em consonância com outros autores (GRZYBOWSKI & WAGNER, 2010; PRYOR, 2014), a importância da variável coabitação no que tange à maior ou menor participação das madrastas nas questões pertinentes aos seus enteados.

4.2.3

Participação na educação – regras, limites e cobranças

Muitas madrastas afirmam participar ativamente da educação dos enteados, colocando regras e limites, uma vez que moram com eles. Aquelas que não participam da educação não moram com eles ou possuem enteados adolescentes. Observamos as variáveis coabitação e idade dos enteados, influenciando a díade madraستا-enteado.

A maioria das madrastas relata dividir com o marido as suas opiniões acerca da educação dos enteados, mesmo aquelas que não participam diretamente no estabelecimento de regras e limites. Algumas mencionam não exercer a função de educar, pois acreditam que esta função deva ser desempenhada pelos pais e mães biológicos.

Eu acho que é necessário que eu possa educar. Nós moramos na mesma casa... O educar faz parte de amar... Eu aprendi que eu e o D. (pai) precisamos ter uma aliança, existe uma hierarquia, eles (filho e enteada) têm opinião, mas nós precisamos conversar e ter a nossa aliança (MADRASTA 2, 43 anos).

Eu tenho uma relação de muita cumplicidade com eles (enteados) porque também não tenho a obrigação de educar... Eu me dou ao luxo de não fazer essa função porque acho que já têm seus pais e mães pra isso, entendeu?... Quando tem que estudar francês eu que estudo com a A. (enteada) porque sou a única que fala francês. É isso, você complementa. Eu venho contribuir com o que eu tenho de especificidade e também como alguém que toma conta da casa, das meninas (MADRASTA 3, 43 anos).

As madrastas que moram com seus enteados participam da educação e do estabelecimento das regras e limites, formando, na interação com seus maridos, uma relação coparental. Neste escopo, os maridos, por sua vez, precisam administrar a coparentalidade tanto com suas atuais esposas quanto com suas ex-esposas.

Percebemos, a partir das narrativas, que a coparentalidade possui um caráter expansivo, uma vez que inclui em suas interações tanto os pais biológicos quanto os pais socioafetivos (madrastas e padrastos). A esse respeito, diversas pesquisas apontam para a capacidade das crianças em manter relacionamentos saudáveis, tanto com os pais biológicos quanto com os pais socioafetivos,

seguindo um modelo cumulativo, ao invés de substitutivo (GANONG et. al, 2011; PAPERNOW, 2013; SCHRODT & BRAITHWAITE, 2011).

Grzybowski (2011) afirma que, tanto os aspectos que contribuíram positivamente quanto os que contribuíram negativamente, durante o casamento, continuam influenciando na separação e na coparentalidade. Segundo a autora, o casal que consegue se separar conservando o respeito mútuo poderá ser aquele que também consiga estabelecer regras que propiciem o bem-estar dos seus filhos. Em contrapartida, casais com forte embate emocional podem não conseguir separar a conjugalidade da parentalidade, dificultando a promoção da saúde emocional das crianças.

Algumas narrativas afirmam a necessidade de o casal estabelecer uma aliança parental para decidir as questões pertinentes às crianças. Pesquisa realizada por Teixeira (2014) acerca das regras, rotinas e rituais nas famílias recasadas, postula haver maior comunicação e coerência nas práticas educativas entre os membros do casal recasado do que entre os pais biológicos separados.

Para além da aliança parental do casal recasado, algumas falas sugerem a necessidade de o marido autorizar a madrasta a exercer as funções parentais.

Eu acho que vai depender muito do pai da criança, de como ele vai deixar você assumir essa autoridade, de quase mãe, também (MADRASTA 16, 35 anos).

Esses dados mostram que o marido pode incentivar ou coibir o relacionamento entre a madrasta e seus filhos e, a partir da sua autorização é constituído o relacionamento entre a madrasta e seus enteados.

Nesse contexto, de acordo com Ganong et. al., (2011), o enteado avalia as contribuições que ele e seus pais biológicos recebem do padrasto e da madrasta para, a partir dessa avaliação, estabelecer um relacionamento mais próximo ou mais distante com seu padrasto e/ou madrasta. O relacionamento entre a madrasta e seus enteados também é influenciado pelo modo como a mãe aceita ou refuta a madrasta, conforme observado nos relatos de algumas madrastas.

Com o tempo ele (enteado) foi abrindo um espaço pra mim, que eu acho que tem a ver também com a relação que eu estabeleci com a mãe dele, que é uma relação muito boa, de amizade, mesmo. Num primeiro momento, foi aquela coisa de um estranhamento, mas, depois, não sei, houve por parte dela o reconhecimento de que eu queria o bem do filho dela e aí, ela se aproximou e facilitou essa aproximação (MADRASTA 12, 31 anos).

Eu acho que a mãe, pra facilitar a relação da madrasta com a enteada, depende muito da mãe, não só ela resolver essas questões da separação, mas da mãe poder autorizar uma outra mulher, no campo maternal, assim, minimamente, que alguém cuide, entendeu? (MADRASTA 14, 39 anos)

Percebemos que os relacionamentos, na família recasada, tendem a se influenciar mutuamente. A opinião que os pais biológicos têm da madrasta perpassa o relacionamento entre a mesma e seus enteados. Observamos a partir das narrativas que as madrastas necessitam da autorização do pai e da mãe para exercerem as funções coparentais.

As madrastas que não participam da educação dos enteados, relatam ficar com a parte lúdica, com a brincadeira e o lazer, pois acreditam que o pai e a mãe devam exercer a coparentalidade. Esses dados apontam para a capacidade da família recasada em promover a saúde emocional dos seus membros quando o padrasto e a madrasta estabelecem vínculos emocionais com seus enteados, deixando para o pai e a mãe, o exercício dos papéis parentais (MAGALHÃES et. al., 2013).

Algumas falas mencionam que os enteados conseguem se adaptar e lidar bem com o fato de, em muitos casos, as regras na casa da madrasta e do marido serem diferentes daquelas estabelecidas na casa da mãe. Muitas madrastas relatam admirar os enteados por não fazerem fofoca de uma casa para a outra.

Eles (enteados) não falam. Eles são muito discretos, não tem fofoca, não vem coisa de lá. Tem um respeito, sabe? Às vezes eu acho que tem até alguma coisa de proteger a mãe... Não sei se é por que ela não refez a vida, tá sem namorado, eu noto, assim, que tem uma coisa de não expor (MADRASTA 11, 41 anos).

Muitas madrastas afirmam admirar a capacidade dos enteados de administrar duas casas, com rotinas e personagens diferentes. Em uma casa, por exemplo, o enteado deixou de ser filho único (enquanto seus pais eram casados), passando a ser, durante um tempo, o filho caçula (quando sua mãe se recasou), de três irmãos socioafetivos para, finalmente, ser o quarto, dos cinco irmãos (após o

nascimento do seu meio-irmão). Observamos, a partir dos relatos, a habilidade das crianças em lidar com diferentes sujeitos, dinâmicas, costumes, rituais e hábitos, nas famílias recasadas, quando os papéis parentais são exercidos, juntamente com baixos níveis de conflito entre os adultos.

Em relação à cobrança, quando as regras não são cumpridas e os limites transgredidos, a maioria das madrastas recorre aos maridos para cobrar e repreender os enteados. Mesmo as que dizem se sentir autorizadas a cobrar os limites, relatam preferir que essa função seja exercida pelo marido, levando-as a optar por não se envolver na cobrança das regras e limites. Algumas madrastas mencionam ficar ‘cheias de dedos’ para cobrar ou repreender os enteados, sugerindo a delicadeza envolvida nestes relacionamentos.

Eu sou ruim de fazer cobranças. Quando eu faço cobranças eu já to no limite, aí eu faço da pior maneira possível, entendeu?... E com a C. (enteada) é claro, eu tento não chegar nesse destempero, aliás, eu nunca cheguei a nada disso com ela... Aí que entra aquela coisa, por não ser minha filha, eu acho que eu fico mais cheia de dedos com determinadas coisas que eu poderia cobrar, eu vejo que eu deixo de cobrar... Então tem certas coisas que eu evito... Outras eu até cobro, mas cobro na brincadeira, sabe? (MADRASTA 1, 34 anos).

Eu tenho todo o direito de repreender, o E. (marido) nunca vai me contrariar na frente dele (enteado), nunca. Mas eu prefiro que ele faça porque senão eu vou ser sempre a chata. Eu percebi que eu só acessava o J. (enteado) pra falar, pra educar e eu não quero ser a chata. Já que alguém tem que ser o chato, vai ser o pai. Porque senão ele vai ter aquela imagem de mim. O pai fica como o bonzinho e eu fico a chata (MADRASTA 5, 28 anos).

Algumas mencionam não saber até onde podem ir, corroborando outros estudos acerca das incertezas e ambiguidades que perpassam a conquista e manutenção dos lugares e papéis que os pais socioafetivos ocupam na família recasada (GOLISH, 2003; PAPERNOW, 2013; PRYOR, 2014).

Embora muitas madrastas se sintam responsáveis pela educação dos seus enteados, notamos que a maioria se abstém de repreendê-los, com receio de serem consideradas chatas. O imaginário social acerca do estereótipo da figura da madrasta malvada e cruel em oposição ao mito da mãe insubstituível (FALCKE & WAGNER, 2000) parece exercer influência em se tratar de cobranças, repreensões e castigos aos enteados. Muitas madrastas relatam se isentar de cobrar as regras e os limites para proteger o relacionamento com seus enteados, pois temem ouvir a famosa frase: ‘você não é minha mãe’.

Algumas madrastas recorrem ‘ao pai e sua lei’ e ‘a autoridade do pai’ quando o tema envolve cobranças e repreensões, levando-nos a refletir que, embora presenciemos o declínio do poder paterno (ROUDINESCO, 2003), os pais continuam sendo requisitados a exercer a posição de autoridade responsável perante os filhos. No recasamento, o convívio entre modelos tradicionais e modernos, possibilita a criação de dinâmicas relacionais que abarquem as necessidades específicas de cada família recasada.

4.2.4

Quem pertence à família?

Nesta subcategoria, a maioria das madrastas inclui os enteados. Dentre aquelas que excluem, pelo menos, um enteado, nenhuma reside com os mesmos, sugerindo, novamente, o fator coabitação como variável importante na constituição do relacionamento e no sentimento de pertencimento dos sujeitos da família recasada.

Minha família sou eu, meu marido e os dois meninos. A menina eu não considero porque ela não tá aqui. E eu acho também que como eu sou persona non grata eu resolvi tirar o meu time de campo porque isso me magoa. Ela escolheu não me querer na vida dela, então ok. Eu não sei se os meninos me consideram (da família). Eu não sei se você perguntar pra eles se eles me consideram, mas eu tento, pelo menos, olhar assim. A minha família não é só o meu marido. Os meninos fazem parte da minha dinâmica diária (MADRASTA 6, 40 anos).

Eu acho que todo mundo aqui porque a gente vive todo mundo sob o mesmo teto, tudo junto e misturado, sabe? A gente tem planos, assim, de fazer uma viagem, todo mundo junto... Somos nós cinco (MADRASTA 13, 37 anos).

A maioria das madrastas inclui os enteados como membros da sua família. As que não o fazem, relatam que o motivo pela exclusão está relacionado ao fato de os enteados não residirem com elas ou por motivo de desavenças entre eles. Além do fator coabitação, a faixa etária dos enteados também foi relevante ao se tratar do pertencimento. Corroborando os dados encontrados por Suanet, Van Der Pas e Tilburg (2013), a maioria das madrastas menciona que o fato de ter conhecido os enteados novos facilitou o estabelecimento dos laços afetivos e da

intimidade entre eles, colaborando para que elas os incluíssem como membros da família. Algumas falas mencionam a incerteza das madrastas no que se refere a ser consideradas, pelos enteados, como parte da família.

Suanet, Van Der Pas e Tilburg (2013) postulam que as fronteiras da família recasada têm se tornado mais permeáveis, sugerindo maior envolvimento entre os sujeitos. Em contrapartida, a falta de clareza em relação às regras sociais e às responsabilidades dos membros das famílias recasadas tem sido apontada como aspecto que pode gerar insegurança acerca do pertencimento e das fronteiras. Nestes arranjos familiares, os papéis são conquistados e não atribuídos.

Dentre as madrastas que tiveram filho com seus maridos, algumas afirmam que o nascimento do meio-irmão as tirou da situação de estrangeiras da família, favorecendo o sentimento de pertencimento.

Eu acho que o B. (filho deste recasamento) veio para juntar todo mundo, mais até da minha parte, porque a família deles, nunca deixou de existir. Eu é que me sentia como se fosse a mulher do pai, então com relação a usar o espaço da casa, eu ficava muito inibida de ocupar aquele espaço, mas quando o B. nasceu, aí eu acho que eu me senti mais participante, mesmo, sabe?,, Tem uma coisa que é machista, mas que é verdadeiro, que é ser 'a mãe dos filhos'. Isso foi uma coisa que eu ouvi antes de ter o B. (filho). O S. (marido) falava, quando a mãe aprontava todas: "mas ela é a mãe dos meus filhos". Um status, né? Agora eu também sou a mãe do seu filho (MADRASTA 13, 37 anos).

Eu acho que com o nascimento da R. (filha deste recasamento) eu deixei de ser a estrangeira, eu acho que esse pedaço do pai que tá junto comigo e que une todo mundo, inclusive a mim. Eu também me sinto mais segura com essa coisa do sangue. E eu vejo a V. (enteada) diferente. Eu não quero, de jeito nenhum, que a minha filha não tenha uma boa relação com a irmã (MADRASTA 14, 39 anos).

As falas sugerem que o nascimento do laço fraterno legitima de maneira concreta a inserção da madraستا na família. Embora algumas tenham mencionado que os enteados sentiram ciúmes e receio de perder o lugar na família, após o nascimento do meio-irmão, todas afirmam que esses sentimentos foram transformados, possibilitando a criação de relacionamentos fraternos afetuosos. Além disso, percebemos nas narrativas que as madrastas admiram e apóiam o relacionamento construído entre seus filhos e enteados.

Pensamos que as madrastas, ao fomentarem os laços fraternos sentem que contribuem para o seu sentimento de pertencimento e da identidade familiar. Valentim de Sousa e Dias (2014) afirmam que, a despeito das alterações vivenciadas no subsistema fraterno, com a chegada dos irmãos socioafetivos e

meio-irmãos, o tempo e o convívio possibilitam a construção de novos relacionamentos. Estas autoras sugerem que a adaptação dos sujeitos ao recasamento demanda flexibilidade, paciência, negociação e respeito.

4.3

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contrário ao mito do amor instantâneo encontramos dados sugerindo que os laços de afeto entre as madrastas e seus enteados foram construídos de maneira gradual, respeitosa e cautelosa buscando não invadir o relacionamento existente entre os seus maridos e seus enteados. Em alguns casos, quando as madrastas procuraram, desde o início, estabelecer regras e educar os enteados foram necessários ajustes no relacionamento entre ambos, apontando para a flexibilidade e sensibilidade das madrastas ao modificar o papel parental que imaginaram exercer.

A possibilidade de participar mais ou menos da educação dos enteados, assim como as responsabilidades das madrastas para com os mesmos encontram-se relacionadas às variáveis coabitação e idade dos enteados. O convívio e as demandas específicas de seu contexto possibilitam que as madrastas exerçam a coparentalidade com seus maridos sem, porém, interferir na coparentalidade existente entre o seu marido e a ex-mulher.

A díade madrastra-enteado também é influenciada pelo fato de o marido se sentir, ou não, culpado pela separação e com a maneira como ele elabora esse sentimento. Para além da díade madrastra-enteado, as relações coparentais – madrastra/marido e marido/ex-mulher – também perpassam a dinâmica do novo casal, sugerindo o entrelaçamento das dimensões parentais e conjugais. A coparentalidade compreende aspectos individuais, relacionais, contextuais e processuais que coexistem de maneira dinâmica e interdependente.

As madrastas demonstraram admiração pelos enteados, pois, além destes não participarem do leva e traz de informações de uma casa para a outra, lidam bem com as diversas dinâmicas quando percebem o comprometimento dos adultos em promover a interação saudável de todos envolvidos nesta complexa e flexível rede familiar. Desse modo, o estabelecimento de fronteiras nítidas, que discriminem as dimensões conjugais das parentais, permite que os membros do sistema familiar exerçam, apropriadamente, suas funções.

Alguns relatos afirmam que o nascimento do meio-irmão, juntamente com o maior convívio com os enteados colaboraram para o sentimento de

pertencimento das madrastas às suas famílias. A unanimidade das falas acerca da adaptação inicial e da posterior intensidade dos laços fraternos surge como um importante dado para futuras pesquisas, visando a uma maior compreensão acerca da construção dos vínculos afetivos entre os membros da família recasada, particularmente, no subsistema fraterno. O recasamento expande a fratria e coloca, muitas vezes, sob o mesmo teto, irmãos consaguíneos, socioafetivos e meio-irmãos.

Constatamos que a participação da madrasta na educação dos enteados é outorgada pelos pais. Ademais, o vínculo estabelecido entre a madrasta e seus enteados é influenciado pelo pai e pela mãe que podem incentivá-lo ou coibi-lo. Na linha dessas considerações, pontuamos a necessidade de novos estudos que visem ampliar o conhecimento acerca dos vínculos criados a partir do recasamento. Convém ressaltar que as famílias separadas e as recasadas são tão capazes quanto às de primeiro casamento em assegurar a saúde emocional de seus membros. Embora a estrutura da família se altere com a dissolução da conjugalidade e com o recasamento, a mesma, enquanto organização se mantém. Desse modo, mais importante do que o fato de as madrastas exercerem ou não a coparentalidade com seus maridos é a qualidade dos vínculos afetivos construídos entre os membros da família, juntamente com a manutenção do desempenho dos papéis familiares.

5.

A TRÍADE MADRASTA, ENTEADO (A), MÃE: REFLEXÕES ACERCA DA MATERNIDADE**Resumo**

O presente estudo é parte de investigação mais ampla sobre a conjugalidade e a parentalidade no recasamento. Foram entrevistadas 16 madrastas e as entrevistas analisadas pelo método de análise de conteúdo. Realizamos uma pesquisa qualitativa com 16 madrastas. Na investigação mais ampla emergiram seis categorias de análise: *lugar da madrasta na família; denominação madrasta; conjugalidade no recasamento; díade madrasta-enteado; e tríade madrasta, enteado (a), mãe*. Neste estudo, cujo objetivo é investigar o jogo interacional entre a madrasta, seus enteados e as mães destes, discutiremos a categoria *tríade madrasta, enteado (a), mãe*. As demais categorias foram discutidas em outros trabalhos. Constatamos que a tríade madrasta-enteado-mãe, além de ser influenciada pelos papéis de gênero também é perpassada pelo estereótipo da ‘mãe insubstituível’.

Palavras-chave

Madrasta; enteado; mãe; maternidade; papel de gênero.

Abstract

The present study is part of a wider investigation about conjugality and parenthood in remarriage. Sixteen stepmothers were interviewed and the interviews were analyzed using the content analysis method. From the wider investigation within the narratives six categories of analysis emerged: *the stepmother's place in the family*; *stepmother denomination*; *conjugality in remarriage*; *stepmother-stepchild dyad*; *stepmother-stepchild-mother triad*; *generational transmission*. The present study, which will discuss the *stepmother, stepchild, mother triad* category, aims to investigate the interactions between the stepmother, her stepchildren and their mothers. The remaining categories were discussed in other studies. We observed that the stepmother-stepchild-mother triad is influenced by gender roles as well as the 'irreplaceable mother' stereotype.

Keywords

Stepmother; stepchild; mother; motherhood; gender role.

A pluralidade de configurações familiares contempladas na sociedade contemporânea, além de gerar a necessidade do convívio com o diferente, também requer a criação de novos paradigmas que abarquem a complexidade das interações familiares. Neste contexto, a família recasada, crescente realidade sociológica, deflagra, a partir de inúmeras e singulares demandas, a necessidade de investigarmos os relacionamentos estabelecidos entre os sujeitos que a compõem.

A despeito de os papéis de gênero se apresentarem mais igualitários, ainda prevalece a idéia de que o homem, compelido à esfera pública, é o principal provedor financeiro da família. Por outro lado, remetida ao mundo privado, cabe à mulher a principal tarefa de prover os cuidados dos filhos, uma vez que ainda permanece no discurso social a idéia de que ‘mãe é uma só’. Assim, a mulher tende a vivenciar o papel de mãe de forma ambivalente, pois da mesma forma que as exigências profissionais se intensificam, ela se encontra dividida entre a maternidade e a carreira, o que pode contribuir para o seu sentimento de culpa (BADINTER, 2011; BIASOLI-ALVES, 2000; ROCHA-COUTINHO, 2015).

Nesta direção, Arán (2006) pontua que a subjetividade contemporânea está em permanente construção, ao contrário da ideia de identidades fixas. Assim, estas novas formas de subjetivação contribuem para uma tensão do homem no âmbito público e da mulher no privado. Imerso em um contexto sócio-histórico, pautado na ideologia individualista e na liberdade de escolha, o sujeito reinventa a família. Porém, ressaltamos que a mesma permanece agente fundamental na constituição subjetiva de seus membros.

Ao pesquisar acerca dos modos de subjetivação femininos e o conceito de gênero, Amazonas, Vieira e Pinto (2011) afirmam que, embora o discurso feminino destaque a liberdade, a valorização profissional e a busca pela autonomia, o mesmo esbarra nas múltiplas demandas do universo privado, circunscrito aos cuidados dos filhos e do lar. Desse modo, a dicotomia entre o público e o privado engendra a necessidade de serem criadas alternativas para o manejo das exigências paradoxais.

Jablonski (2010) ressalta que, embora homens e mulheres não compartilhem de maneira igualitária as tarefas domésticas, ficando a cargo das mulheres, a maior parte dos encargos, estas, cientes da disparidade da divisão de papéis de gênero, não percebem tal fato como um problema. O autor destaca a

força dos modelos parentais tradicionais fortemente enraizados em nossa sociedade. Além disso, apesar de a mulher se sentir dividida entre os anseios profissionais e a maternidade, esperando cooperação do homem nos quesitos domésticos, Amazonas, Vieira e Pinto (2011) pontuam que a mulher não está disposta a abrir mão do poder que usufrui no âmbito doméstico.

Na contemporaneidade, a inserção feminina no mercado de trabalho demanda um maior investimento de recursos pessoais e profissionais que vão repercutir nas relações familiares como um todo. Até a década de 50 do século XX, a família era organizada de maneira hierárquica e as funções de seus membros estavam relacionadas às posições que estes ocupavam na família. A partir deste período, podemos observar a família se estruturando de maneira mais igualitária, possibilitando o questionamento acerca das identidades masculina e feminina, deflagrando uma crise nos papéis sociais, até então bem demarcados (FIGUEIRA, 1987).

A ideologia igualitária propiciou transformações no âmbito familiar, uma vez que os valores e interação dos membros da família passaram a ser respaldados na liberdade individual e na singularidade (HEILBORN, 2004). A partir das décadas de 60 e 70 do século XX, a mulher passou a valorizar o trabalho devido ao desejo de autonomia, intensificando o desafio de conciliar as demandas dos universos público e privado (ARÁN, 2006).

As diversas configurações familiares convocam a uma reflexão acerca dos papéis que os membros de um grupo familiar desempenham, e, sobretudo como se articula a tríade madrasta, enteados e as mães destes. De acordo com Papernow (2013), o relacionamento entre a mãe e a madrasta é considerado o mais tenso no escopo do recasamento, pois, apesar das mudanças referentes aos papéis femininos contemporâneos, a identidade feminina permanece associada à maternidade. Neste contexto, o receio de ser rotulada de 'mãe desnaturada' pode levar mães e madrastas a competirem pelo afeto dos filhos/enteados. A esse respeito, Schrodt (2011) sugere a realização de pesquisas acerca das díades mãe-madrasta e pai-padrasto, ressaltando que a díade mãe-madrasta é a mais carregada de sentimentos ambivalentes.

Com o aumento do número de pessoas envolvidas nos cuidados e na educação dos filhos e enteados, torna-se de vital importância, a produção de conhecimento acerca dos relacionamentos entre os pais biológicos e os pais

socioafetivos. A partir da percepção das madrastas, o presente estudo tem como objetivo investigar as vicissitudes do jogo interacional da tríade, madrastra, seus enteados e as mães destes.

5.1

MÉTODO

5.1.2

Participantes

Participaram deste estudo 16 madrastas, com idades variando entre 28 e 43 anos, residentes na cidade do Rio de Janeiro e pertencentes às camadas médias da população. Partimos da definição de camadas médias como algo mais abrangente e complexo do que classe social, considerando as semelhanças entre os indivíduos deste grupo (VELHO, 1987).

Das 16 madrastas, dez residem com, pelo menos, um enteado; três passam, pelo menos, um dia da semana com os enteados, revezando os finais de semana; e três encontram com os enteados nos finais de semana a cada 15 dias. A Tabela 1 (em anexo) apresenta a descrição do perfil das participantes.

5.1.3

Instrumentos e procedimentos

Como instrumento de investigação, foram realizadas entrevistas gravadas em áudio e, posteriormente, transcritas integralmente. O roteiro semiestruturado das entrevistas foi formulado a partir da revisão da literatura acerca do tema, contemplando questões abertas, elaboradas com base nos seguintes eixos temáticos: construção do lugar da madrasta; o imaginário social acerca da madrasta; vivência da conjugalidade no recasamento; construção do vínculo com os enteados; relação com as mães dos seus enteados.

As entrevistas tiveram a duração de uma a três horas e o local, data e horário, foram agendados de acordo com a disponibilidade das madrastas. O

acesso às participantes ocorreu por meio de indicações, configurando, portanto, uma amostra de conveniência.

5.1.4

Cuidados éticos

O projeto de pesquisa foi aprovado pelo Comitê de Ética da instituição onde foi desenvolvido. Todas as participantes assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, autorizando a divulgação dos resultados em ensino, pesquisa e publicação, e foram informadas de que a sua identidade e a de seus familiares seriam preservadas.

5.1.5

Análise e discussão dos resultados

Os dados coletados foram submetidos ao método de análise de conteúdo, na sua vertente categorial, com a finalidade de investigar, a partir do material discursivo, as significações atribuídas pelas entrevistadas aos fenômenos (BARDIN, 2011). Por meio da técnica categorial, foram destacadas categorias temáticas, organizadas a partir da semelhança entre os elementos contidos no material coletado. Para tal, procedeu-se a uma “leitura flutuante”, agrupando-se dados significativos, identificando-os e relacionando-os, até se destacarem as categorias de análise.

Na investigação mais ampla sobre conjugalidade e parentalidade no recasamento, da qual este estudo faz parte, emergiram das narrativas das entrevistadas seis categorias de análise: *lugar da madrasta na família; denominação madrasta; conjugalidade no recasamento; díade madrasta-enteado; tríade madrasta-enteado-mãe; transmissão geracional*. Para atingir os objetivos formulados no trabalho que ora apresentamos, discutiremos a categoria *tríade*

madrasta, enteado (a), mãe. Para apresentação dos resultados, as madrastas foram nomeadas de um a 16, colocando-se, em seguida, a idade de cada uma.

5.2

TRÍADE MADRASTA, ENTEADO (A), MÃE

A partir da narrativa das madrastas, a categoria *tríade madraستا, enteado (a), mãe* foi desdobrada em quatro subcategorias: *relacionamento com as mães dos enteados; impressões acerca da mãe; conflito de lealdade; diferença entre ser mãe e ser madraستا.*

5.2.1

Relacionamento com as mães dos enteados

O relacionamento com as mães dos seus enteados foram denominados pelas madrastas como ‘ruim’, ‘bom’, ‘civilizado’, ‘melhorando com o tempo’ e ‘nenhum relacionamento’.

Zero (relacionamento). Quando eu atendo o telefone e é ela (mãe), eu passo pro C. (enteado) e digo que a mãe quer falar com ele. No início ela (mãe) mandava e-mail me xingando e eu ignorei, nunca respondi. Depois ela começou a falar mal de mim pro C., isso lá no início e ele mal sabia falar e ficava repetindo o que ela falava que eu era chata e boba e não era mãe dele (MADRASTA 16, 35 anos).

Então, assim, eu vou fazer de tudo pra minha relação com ela (ex-mulher) ser a melhor possível, né? Porque vai fazer parte da minha vida, já que eu quero ficar com ele (marido) pro resto da minha vida e ela (ex-mulher) vai vir junto, então, assim, eu quero construir a melhor relação com ela, pra que eu não tenha dor de cabeça, pra que eu não me aborreça... Eu não vou cutucar a onça com vara curta. Eu vou assumir o meu espaço e respeitar o meu limite porque eu não quero ter problema (MADRASTA 15, 37 anos).

As madrastas que mantêm relacionamento bom com as mães de seus enteados afirmam que as mães são fáceis de conviver, sendo descritas como mulheres ‘seguras, reservadas e simpáticas’. As madrastas que mantêm um relacionamento ruim com as mães de seus enteados relatam que o passar do tempo contribui, positivamente, para interações mais cordiais nos encontros sociais. Algumas narrativas sugerem que a mãe, ao perceber a madraستا envolvida na vida dos seus filhos, consegue manter um convívio civilizado. Todavia, muitas madrastas afirmam que tal fato não ocorre. Estas atribuem a dificuldade do relacionamento ao fato de as mães não terem elaborado as questões referentes à

separação conjugal. Além disso, todas as madrastas que iniciaram um relacionamento conflituoso com as mães associam este fato ao pouco tempo existente entre a separação conjugal delas e o recasamento de seus ex-maridos.

Aí ficou um tempo uma relação meio ruim, assim. Até 2010 era bem ruim. Foi melhorar em 2012 a relação dele (marido) com ela (mãe) e minha com ela também. Na verdade o problema era dela comigo, eu nunca tive nada contra ela, não, mas ela tinha os problemas dela. Eu acho que ela não aceitava o fim do casamento. Uma vez ela falou: "ah, quem devia estar aí era eu. Quem deveria morar nessa casa era eu" (MADRASTA 9, 28 anos).

Era um relacionamento que nem existia... A gente nem se encontrava, nem se falava. Eu tinha muita raiva porque ela(mãe) atrapalhou muito a minha vida e eu achava injusto ela atrapalhar tanto a minha vida... E ela, em relação a mim, um ódio mortal, né?...A separação dele (marido) aconteceu em dezembro e em junho ele me conheceu. E nesses meses, a mãe da V. (enteada) tava trabalhando pra voltar com ele (MADRASTA 14, 39 anos).

O relacionamento entre a madrasta e a mãe é influenciado pelo modo como a separação conjugal ocorreu. Quando o luto pelo desenlace conjugal não consegue ser elaborado, os sentimentos de raiva, traição, vingança, frustração, decepção e fracasso não são processados. Nesse contexto, o recasamento do ex-cônjuge pode ser vivenciado como um ataque ao narcisismo do ex-companheiro que não refez a vida amorosa (LEVY, 2011).

De acordo com Papernow (2013), a existência de filhos é um fator que leva a mãe a continuar presente, mesmo quando o ex-marido se recasa. A dinâmica interacional do antigo casal convoca a permanentes negociações acerca dos cuidados dos filhos atravessando, deste modo, as dimensões conjugais e parentais da família recasada. Neste sentido, constatamos que a madrasta tem uma percepção da mãe do seu enteado como sendo invasora, independentemente da relação entre os ex-cônjuges ser amistosa ou conflituosa, e mesmo que a mãe seja participativa e colaboradora na criação do filho.

5.2.2

Impressões acerca da mãe

Esta subcategoria surge a partir das narrativas das madrastas que moram com seus enteados. Ressaltamos que, das 16 madrastas entrevistadas, dez residem

com seus enteados. A partir dos relatos, percebemos que os estereótipos relativos à figura materna, como insubstituível, capaz de abrir mão de tudo para cuidar dos filhos, fazem parte do imaginário da madrasta.

E o que mais me surpreendeu na história é que o meu marido falou: "tudo bem, se você (mãe) quer ir embora, você vai embora, mas a minha filha fica. Eu já perdi uma filha (que morreu aos quatro anos por problemas cardíacos) eu agora to perdendo a minha mulher, então eu não vou perder a minha outra filha junto, você não vai levar a C. (enteada) eu vou ficar com ela". E assim, qualquer mãe ia falar "não" e ela falou "então tá". Esse "então tá" é que eu fico assim, gente é perturbação, não é normal (MADRASTA 4, 39 anos).

Eu até lembrei da Medeia, assim, a mãe que abandona os filhos quando o homem vai embora, né? Ela teve esse movimento, a V (enteada). chegava com os cabelos desgrenhados, a unha sem cortar, impressionante. E o H. (marido) dizia que nunca tinha sido assim. Ela não comprava roupa pra menina. Só que às vezes, eu tava cansada de ser a boazinha porque já tinha levado muito na cabeça (MADRASTA 14, 39 anos).

Nove, das dez madrastas que residem com seus enteados afirmam que as mães não assumem responsabilidades no que diz respeito aos cuidados dos mesmos (dar remédio quando eles estão doentes, estudar, verificar se os deveres são feitos, entre outros). Tais resultados nos remetem à possibilidade de novas construções subjetivas no que tange à identidade feminina, não mais, unicamente, atreladas à maternidade. Assim sendo, a mãe dadivosa, capaz de qualquer sacrifício em nome dos filhos parece ceder espaço para novos investimentos, tanto no universo profissional quanto no pessoal. Neste sentido, a mulher que se separa e prefere que o ex-marido obtenha a guarda dos filhos, é imediatamente excluída do rol das 'boas mães', uma vez que opta por não se dedicar exclusivamente à sua prole.

Ao pesquisarem acerca dos mitos sociais que permeiam o imaginário feminino de mães e madrastas, Falcke e Wagner (2000) afirmam que tanto as mães quanto as madrastas, conferem à mãe o ideal de amor e afeição. Como a identidade feminina em nossa sociedade está associada à maternidade, espera-se que a madrasta se ocupe dos cuidados do lar e dos filhos. As autoras explicam que, embora seja esperado que mães e madrastas exerçam as funções de cuidadoras, as mães se sentem escravizadas ao estereótipo da mãe insubstituível enquanto as madrastas se sentem confusas, pois, por mais que cuidem de seus enteados, tais cuidados estão sempre aquém dos que estes recebem das mães.

5.2.3

Conflito de lealdade

As narrativas mencionam que os enteados, influenciados pela mãe, mudam o modo de agir com as madrastas. Algumas ressaltam ‘a chantagem emocional’ que as mães fazem com os enteados, levando-nos a pensar no conflito de lealdade que dificultaria as interações entre as madrastas e seus enteados.

A pior coisa nessa relação mãe, madrasta e enteados é a guerra fria, a guerra velada. Eu preferiria mil vezes que o A.(enteado) desse um ataque e dissesse: “você não é minha mãe” do que eu estar aqui em casa e eles estarem aqui em casa fingindo que eu não existo... Eu penso que a violência maior nem é pra mim, é pras crianças que estão no meio desse fogo... A gente tentou fazer a coisa o menos traumático pra eles(enteados),o M. (marido) conversou com eles e eles não se opuseram, aí de repente quando eu vim morar mesmo, a menina parou de falar comigo, batia a porta na minha cara... O pequenininho agora tá com umas dificuldades, tá muito agressivo. Quando ele começou a ficar 15 dias lá, quando ele vinha pra cá, ele vinha armado. Aí era uma semana pra desarmar ele. Eu tenho observado que eu acho que rola da parte dela (mãe), ela fala coisas demais e deixa eles armados (MADRASTA 6, 40 anos).

Ela (mãe) fala, às vezes: "ah, você não gosta mais de mim, só gosta dela". Principalmente, com o pequeno (enteado), e funciona muito essa chantagem emocional, então quando ela chega, ele fica completamente mudado comigo. Fica meio frio, sabe? Fica meio seco, assim, porque na verdade ele acha que se ele me abraçar, tiver contato, ele vai fazer ela sofrer, então ele não é natural como ele é comigo todos os dias, entendeu? Sem a presença dela ele é muito mais carinhoso, ele é muito mais próximo, mas eu entendo, né?... Ele é pequeno pra lidar com essas coisas... Ela tem muito controle emocional em cima dele, entendeu? (MADRASTA 9, 28 anos).

Os pais influenciam os seus filhos, tanto pelo modo como se comportam em relação a eles, quanto pela maneira como interagem com seus ex-cônjuges e com os atuais companheiros. As funções parentais e conjugais quando indiscriminadas tendem a contribuir para um conflito de lealdade por parte dos filhos, observado na manifestação dos afetos. Boszormenyi-Nagy e Spark (1984) cunharam o conceito de lealdades invisíveis relacionadas ao cumprimento das expectativas e à organização do grupo familiar, manifestando-se por conteúdos nem sempre explicitamente verbalizados e transmitidos ao longo das gerações.

Assim, a despeito do desenlace conjugal e do recasamento, de um ou ambos os pais, o casal parental deverá continuar exercendo as suas funções, provendo e protegendo os filhos, criando novas formas de se relacionar com seus

ex-cônjuges e seus atuais companheiros. Em pesquisa com adolescentes de famílias de primeiro casamento e de famílias recasadas, Wagner e Sarriera(1999) destacam que a aceitação dos pais biológicos ao convívio dos filhos com o padrasto e a madrasta pode facilitar a formação do vínculo entre enteados e padrastos/madrastas, eliminando ou minimizando o conflito de lealdade. Segundo estes autores, a possibilidade em se estabelecer um bom relacionamento entre o adolescente e os novos companheiros dos seus pais vai depender do relacionamento estabelecido entre as díades pai-padrasto e mãe-madrasta.

Um dos maiores desafios relativos às díades mãe-madrasta e pai-padrasto refere-se à tensão existente nas negociações dos papéis parentais, juntamente com a delimitação das fronteiras (SCHRODT, 2011). Pesquisas destacam o receio do genitor que não possui a guarda dos filhos em ser substituído em sua função parental, com a entrada de um novo parceiro na vida de seu ex-cônjuge (BRITO, 2008; PAPERNOW, 2013; PRYOR, 2014; SCHRODT, 2011).

5.2.4

Diferença entre ser mãe e ser madrasta

Dentre as madrastas que também são mães, apenas uma afirma não haver diferença entre ser mãe e ser madrasta. Todas as outras falam que a diferença está relacionada ao fato de a mãe possuir mais responsabilidades com seus filhos do que a madrasta. Algumas narrativas também pontuam que o amor materno é instintivo e que, por isso, é mais forte do que qualquer outro amor na vida da mulher.

Mãe de verdade é isso, eu assumo todas as funções, a função recreativa, de educar, de colocar todos os limites, né? É bem diferente. É outra responsabilidade, pelo menos nessa configuração nossa que existe essa mãe, que existe esse pai. E existe uma relação super civilizada entre eles e entre a gente, entre eu e ela, então é uma coisa que eu quero preservar, então eu não mexo mesmo, sabe?... Não acho que é o meu espaço (MADRASTA 12, 31 anos).

É total a diferença. Em primeiro lugar, eu posso julgar certo e errado uma coisa que eu tenha feito. A questão do amor... É difícil falar isso, assim, mas, por mais

que eu goste deles (enteados) pra caramba, eu quero ver eles bem, que eles sejam felizes, tenham bons empregos, bons casamentos. Assim, o B. é meu filho... A minha relação com o B. é indescritível, é uma coisa de instinto, não dá nem pra explicar. Eu acho que tem a coisa do sangue, que a gente não consegue explicar (MADRASTA 13, 37 anos).

A maternidade tá muito vinculada a uma coisa biológica, mas e no caso da mãe adotiva e da madrasta? Eu acho que é muita pressão dessa coisa biológica, genética. Quem criar uma criança vai entender o que é maternidade... Tudo bem que tem aquela coisa biológica, genética, mas assim, pela minha experiência, é muito mais uma construção (MADRASTA 16, 35 anos).

As falas sugerem que a mãe deveria ter maior responsabilidade do que a madrasta ao desempenhar os papéis parentais, porém, em nosso estudo, as dez madrastas que residem com seus enteados afirmam se sentir mais responsáveis por eles do que as próprias mães. Assim, o fator coabitação surge fortemente associado à responsabilidade e ao desempenho das funções parentais, exercidas pelas madrastas.

Weaver e Coleman (2005) afirmam que a madrasta vivencia o paradoxo entre exercer os cuidados maternos, mas não exercer o papel da mãe. A pesquisa destas autoras ressalta o ‘limbo’ habitado pela madrasta e o desafio referente à construção do seu papel. Algumas madrastas ressaltam que o amor materno é instintivo, inerente à mulher. No entanto, Badinter (1985) postula que o mito do amor materno é fruto de uma construção social, iniciada em princípios do século XIX, visando a atender as demandas socioeconômicas da época vigente. Esta autora refuta a ideia de que o amor materno seja um sentimento de caráter inato e partilhado por todas as mulheres.

5.3

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Percebemos que o relacionamento entre a madrasta e a mãe é atravessado pelo processo relativo ao desenlace conjugal anterior, juntamente com o tempo entre a separação e o recasamento e a elaboração das questões suscitadas ao longo deste processo. No bojo destas considerações, quando o ex-marido se recasa rapidamente (em menos de um ano), existe maior possibilidade de a mãe e a madrasta estabelecerem um relacionamento conflituoso, pois o luto pela separação ainda não foi devidamente elaborado.

As narrativas sugerem que a madrasta, muitas vezes, se sente invadida pela mãe, uma vez que esta permanece como ‘presente-ausente’ na família recasada. Destacamos que talvez a mãe também se sinta invadida pela madrasta, uma vez que o relacionamento entre a mãe, o pai e seus filhos, precede o relacionamento da madrasta com estes personagens. Embora as vicissitudes do desenlace conjugal e o recasamento do ex-cônjuge possam contribuir para a ‘guerra velada’ entre pais biológicos e pais socioafetivos, ressaltamos a tensão entre madrastas e mães, acerca do desempenho da função materna.

A partir dos resultados, observamos que o gênero feminino continua fortemente associado à maternidade, reforçando a manutenção de papéis tradicionais de gênero. Neste contexto, a madrasta é convocada pelo marido, e por si mesma, a exercer a prevalência dos cuidados da prole, simplesmente por ser mulher. A madrasta vivencia o paradoxo de exercer o papel de mãe, sem, contudo, ser a mãe. Assim, em meio a distintas demandas e organizações familiares, a mulher, seja ela mãe e/ou madrasta, deverá criar um modo de interação familiar que possibilite encontrar um lugar condizente com a singularidade da sua família.

As impressões que a madrasta tem acerca da mãe encontram-se fortemente associadas ao mito do amor materno. Desse modo, o fato de muitas mães não morarem com seus filhos, as coloca em um patamar de ‘mães desnaturadas’. Encontramos a partir dos dados, a possibilidade de novas construções subjetivas nas relações de gênero. A contemporaneidade possibilitou que a mulher buscasse

novos investimentos, para além da maternidade. Face às permanências e transformações referentes aos papéis de gênero, homens e mulheres, precisam criar caminhos alternativos para estar em família.

6.**CONCLUSÃO**

O recasamento, ao entrelaçar diversas famílias, possibilita o surgimento de novos laços afetivos, engendrando a necessidade de renegociações nas dinâmicas interacionais estabelecidas entre seus integrantes. Com efeito, as negociações acerca das fronteiras, da privacidade, do tempo e do espaço representam desafios a ser enfrentados, mas também colaboram para o sentimento de pertencimento, fomentando a constituição da identidade do grupo familiar. Esta complexa rede familiar deve ser estudada a partir de um novo paradigma de família.

Consideramos, a partir das narrativas, que o lugar da madrasta não é algo predeterminado, muito pelo contrário, é construído tendo em vista as características peculiares da família recasada, influenciada pelos estereótipos da mãe insubstituível e da madrasta malvada. Diante da inexistência de um modelo identificatório a seguir, a madrasta pode se apropriar de suas potencialidades para criar relacionamentos flexíveis e singulares.

Embora a maioria das madrastas participantes do nosso estudo trabalhe fora, permanecem incumbidas dos cuidados dos filhos/enteados e do lar, levando-nos a pensar que a maternidade continua associada ao gênero feminino. Ao tentar conciliar as demandas dos universos público e privado, as madrastas mencionam o sentimento de sobrecarga, descrito como inerente à condição feminina. Tais resultados nos levam a sugerir a manutenção de papéis tradicionais de gênero. Entretanto, em meio às permanências e rupturas, observamos novas possibilidades de construções subjetivas, tendo em vista o fato de a maioria dos enteados não residir com suas mães, e sim com seus pais e madrastas. Desse modo, enquanto o pai reivindica maior envolvimento e participação na vida dos seus filhos, a mãe pode buscar novos investimentos, para além da maternidade.

No âmbito da conjugalidade no recasamento, constatamos a influência exercida pelas demandas da parentalidade, juntamente com questões referentes ao desenlace conjugal anterior e ao recasamento. Os relatos apontam para possíveis conflitos entre a mãe e a madrasta quando o período entre a separação e o

recasamento é curto (menos de um ano). Dentre as medidas promotoras de saúde emocional na família recasada, pontuamos a necessidade de a madrasta apoiar seu marido no que diz respeito aos cuidados com os filhos de casamentos anteriores, compreendendo as possíveis repercussões advindas do relacionamento anterior do mesmo. No caso do marido, destacamos a importância de ele filtrar as interferências do seu relacionamento anterior, no atual.

Nesse sentido, o novo casal se depara com o desafio de manejar satisfatoriamente os investimentos afetivos entre as dimensões conjugais e parentais. A discriminação entre essas dimensões, a delimitação de fronteiras nítidas e a possibilidade de lidar com o processo de luto deflagrado pelo desenlace conjugal precedente são alguns aspectos abordados pelas madrastas. O luto mal elaborado e a gama de afetos relativos ao fracasso do relacionamento anterior podem ser projetados na madrasta, repercutindo na conjugalidade atual. Na linha dessas considerações, o fato de muitas madrastas estarem em psicoterapia, nos levaria a pensar que estariam procurando novas maneiras de elaborar os diversos sentimentos e atravessamentos provocados pelo recasamento.

O relacionamento da madrasta com seus enteados é permeado pelas opiniões e atitudes dos pais biológicos, que autorizam ou coíbem a dinâmica interacional entre esses personagens. As narrativas associam as variáveis idade e moradia dos enteados ao maior ou menor envolvimento da madrasta na vida deles. Os relatos afirmam que quanto mais novo o enteado, mais fácil o estabelecimento do vínculo afetivo. No que diz respeito à moradia, o maior convívio propicia mais intimidade, possibilitando maior participação na educação e nas responsabilidades com os enteados.

A capacidade dos filhos/enteados em lidar com as situações decorrentes da separação e do recasamento depende, sobretudo, do relacionamento estabelecido entre os pais, que precisam separar a função conjugal da função parental, assegurando a manutenção dos cuidados e responsabilidades para com a sua prole após a separação e o recasamento. Em relação aos enteados, observamos muitas dinâmicas familiares seguindo um modelo cumulativo, ao invés de substitutivo, favorecendo o estabelecimento de laços afetivos entre enteados e madrastas. As narrativas apontam para o fato de muitas madrastas admirarem o modo como os

enteados administram diferentes rotinas, regras, limites e costumes. Tais fatos levam-nos a pensar na importância de se estabelecer fronteiras nítidas, porém permeáveis, que possibilitem a circulação dos filhos pelos lares distintos, ao mesmo tempo em que permitam que os membros da família exerçam suas funções apropriadamente.

No recasamento, a constituição dos vínculos afetivos é forjada nas interações de todos os seus componentes, possibilitando a criação de novos significados condizentes com cada organização familiar. No cerne dessa questão, a necessidade de articular as demandas individuais, conjugais, parentais e todo seu entorno sugere a complexidade envolvida no exercício da ‘madrastalidade’. É importante que novas pesquisas sejam realizadas, buscando aprofundar a investigação sobre as relações que se estabelecem na família recasada e suas repercussões nos sujeitos que a compõem.

7.

Referências bibliográficas

AHRONS, C. R. **The continuing coparental relationship between divorced spouses.** American Orthopsychiatric Association, 51 (3), p. 415-428, 1981.

ARÁN, M. **O avesso e avesso: feminilidade e novas formas de subjetivação.** Rio de Janeiro: Garamond, 2006.

AMAZONAS, M. C. L. A., VIEIRA, L. F., & PINTO, V. C. **Modos de subjetivação femininos, família e trabalho.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 31, n. 2, p. 314-227, 2011.

BADINTER, E. **Um amor conquistado: o mito do amor materno.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1985.

BADINTER, E. **O conflito.** Rio de Janeiro: Record, 2011.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo.** São Paulo: Edições 70, 2011.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. **Continuidades e rupturas no papel da mulher brasileira no século XX.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 16, n. 3, p. 233-239, 2000.

BOSZOEMENYI-NAGY, I & SPARK, G. **Invisible loyalties.** Levittown, PA: Brunner/Mazel, 1984.

BOWEN, M. **De la familia ao individuo.** Barcelona: Paidós, 1991.

BRITO, L. M. T. **Alianças desfeitas, ninhos refeitos: mudanças na família pós-divórcio.** In: BRITO, L. M. T. (Org). **Famílias e separações: perspectivas da psicologia jurídica.** Rio de Janeiro: Ed UERJ, p. 17-47, 2008.

CANO, D. S., GABARRA, L. M., MORÉ, C. O. & CREPALDI, M. A. **As transições familiares do divórcio ao recasamento no contexto brasileiro.** *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 22 (2), p. 214-222, 2009.

COSTA, J. M. & DIAS, C. M. S. B. **Famílias recasadas: mudanças, desafios e potencialidades.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, v. 14, nº 3, p. 72-87, 2012.

CROHN, H. M. **Five styles of positive stepmothering from the perspective of young adult stepdaughters.** *Journal of Divorce and Remarriage*, 46 (1/2), p. 119-134, 2006.

FALCKE, D. & WAGNER, A. FALCKE, D. **Mães e madrastas: mitos sociais e autoconceito.** Estudos de Psicologia, v. 5, nº 2, p. 421-441, 2000.

FALCKE, D. **Mães e madrastas: quem são essas personagens?** In: Wagner, A.(Org.). Família em cena: tramas, dramas e transformações, Rio de Janeiro: Vozes, p.77-92, 2002.

FIGUEIRA, S. **Uma nova família: o moderno e o arcaico na família de classe média brasileira.** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Casamento contemporâneo: o difícil convívio da individualidade com a conjugalidade.** Psicologia: Reflexão e Crítica. Porto Alegre, v. 11, nº 2, p. 379-394, 1998.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Clínica de família e casal: narrando quatro décadas de pesquisa.** Revista Brasileira de Terapia Familiar, 1, p. 91-101, 2008.

FÉRES-CARNEIRO, T. **Separação: o doloroso processo da dissolução da conjugalidade.** Estudos de Psicologia, Natal, Vol. 8, nº 3, p. 367-374, 2003.

FÉRES-CARNEIRO, T. & DINIZ NETO, O. **Construção e dissolução da conjugalidade: padrões relacionais.** *Paidéia*, 20 (46), p. 269-278, 2010.

FÉRES-CARNEIRO, T. PONCIANO, E. L. T. & MAGALHÃES, A. S. **Família e casal: da tradição à modernidade.** In: C. M. O. Ceverny, Ceneide (Org.). Família em movimento. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 23-36, 2007.

FÉRES-CARNEIRO, T. & ZIVIANI, C. **Conjugalidades contemporâneas: um estudo sobre os múltiplos arranjos amorosos da atualidade.** In: Féres-Carneiro, T. (Org.). Casal e família: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 83-107, 2009.

FÉRES-CARNEIRO, T., ZIVIANI, C. & MAGALHÃES, A. S. **Arranjos amorosos contemporâneos: sexualidade, fidelidade e dinheiro na vivência da conjugalidade.** In: Féres-Carneiro, T. (Org.) Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, p. 43-59, 2011.

GANONG, L. H., COLEMAN, M. & JAMISON, **Patterns of stepchild-steparent relationship development.** Journal of Marriage and Family, Vol.73, p. 396-413, 2011.

GIDDENS, A. **A transformação da intimidade: sexualidade, amor e erotismo nas sociedades modernas.** São Paulo: UNESP, 1993.

GOLISH, T. **Stepfamily communication strengths.** Human Communication Research, 29, (1), p. 41-80, 2006.

GRISARD FILHO, W. **Famílias reconstituídas: novas uniões depois da separação.** São Paulo: Revista dos Tribunais, 2010.

GRZYBOWSKI, L. & WAGNER, A. **Casa do pai, casa da mãe: a coparentalidade após o divórcio.** Psicologia: Teoria e Pesquisa, 26 (1), p. 77-87, 2010.

GRZYBOWSKI, L. **Ser pai e ser mãe. Como compartilhar a tarefa educativa após o divórcio?** In: A. Wagner (Cols.). Desafios psicossociais da família contemporânea. Porto Alegre: Artmed, p. 112-122, 2011.

HACKNER, I. WAGNER, A. & GRZYBOWSKI, L. S. **A manutenção da parentalidade frente à ruptura da conjugalidade.** DOMUS - Centro de Terapia de Casal e Família, v.10, nº 2, p.73-86, 2006.

HEILBORN, M. L. **Dois é par: gênero e identidade sexual em contexto igualitário.** Rio de Janeiro: Gramond, 2004.

HENRY, P. J. & McCUE, J. **The experience of nonresidential stepmothers.** Journal of Divorce and Remarriage, 50, p. 185-205, 2009.

HETHERINGTON, E. M. & KELLY, J. **For better or for worse: divorce reconsidered.** (1st ed.) New York: W.W. Norton, 2002.

IBGE (2012). **Estatística do registro civil.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2012/default.shtm>. Acesso em: 10 de out. de 2013.

IBGE (2010). **Estatística do registro civil.** Disponível em: <http://www.ibge.gov.br/home/estatistica/populacao/registrocivil/2012/default.shtm>. Acesso em: 22 de janeiro de 2014.

JABLONSKI, B. **A divisão de tarefas domésticas entre homens e mulheres no cotidiano do casamento.** Psicologia: Ciência e Profissão, v. 30, n. 2, p. 262-275, 2010.

JABLONSKI, B. **Atitudes e expectativas de jovens solteiros frente à família e ao casamento: duas décadas de estudos.** In: Féres-Carneiro, T. (Org.). Casal e família: permanências e rupturas. São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 109-134, 2009.

KEHL, M. R. **Em defesa da família tentacular.** In: Groeninga, G. C. & Pereira, R. C. (Coords.). *Direito de família e psicanálise - rumo a uma nova epistemologia.* Rio de Janeiro: Imago, p. 163-176, 2003.

LEVY, L. **“A vingança será maligna”:** um estudo sobre a alienação parental. In: Féres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia.* São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 95-105, 2011.

LOBO, C. **Parentalidade social, fratrias e relações intergeracionais nas recomposições familiares.** *Sociologia, problemas e práticas*, Vol. 59, p. 45-74, 2009.

MADDEN-DERDICH, D. & LEONARD, S. **Shared experiences, unique realities: formerly married mother’s and father’s perceptions of parenting and custody after divorce.** *Family Relations*, 51, (1), p. 37-45, 2002.

MAGALHÃES, A. S., FÉRES-CARNEIRO, T., HENRIQUES, C. R. & TRAVASSOS-RODRIGUEZ. **O lugar do padrasto na clínica com famílias recasadas.** In: Féres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: transmissão, conflito e violência.* São Paulo: Casa do Psicólogo, p. 113-128, 2013.

MAGALHÃES, A. S. & FÉRES-CARNEIRO, T. **Em busca de uma conjugalidade perdida: quando a parentalidade prevalece.** In: Féres-Carneiro, T. (Org.). *Casal e família: conjugalidade, parentalidade e psicoterapia.* Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, p. 161-172, 2011.

MARTIN-UZZI, M. & DUVAL-TSIOLES, D. **The experience of remarried couples in blended families.** *Journal of Divorce & Remarriage*, 54, p. 43-57, 2013.

McGOLDRICK, M. & CARTER, B. **Constituindo uma família recasada.** In: McGoldrick, M. & Carter, B. (Orgs.). *As mudanças do ciclo de vida familiar. Uma estrutura para a terapia familiar.* Porto Alegre: Artes Médicas, p. 95-105, 2001.

MOSMANN, C. WAGNER, A. & FÉRES-CARNEIRO, T. **Qualidade conjugal: mapeando conceitos.** *Paidéia*, Vol. 16, nº 35, p. 315-325, 2006.

PAPERNOW, P. L. **Surviving and thriving in stepfamily relationships - what works and what doesn't.** New York: Routledge, 2013.

PÉREZ, J. C. & TÓRRENS, A. J. **The myth of motherhood and the role of stepmothers: an outlook of women who have delayed their motherhood.** Journal of Divorce & Remarriage, 50, p. 206-219, 2009.

PRYOR, J. **Stepfamilies: a global perspective on research, policy and practice.** New York: Routledge, 2014

ROCHA-COUTINHO, M. L. **Investimento da mulher no mercado de trabalho: repercussões na família e nas relações de gênero.** In: Féres-Carneiro, T. (Org.). Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Editora PUC, p. 103-117, 2015.

ROUDINESCO, E. **A família em desordem.** Rio de Janeiro: Zahar, 2003.

SARAIVA, C. A., LEVY, L. & MAGALHÃES, A. S. **O lugar do padrasto em famílias recompostas.** Barbarói, Santa Cruz do Sul, v.41, p. 82-99, 2014.

SCHRODT, P. **Stepparents' and nonresidential parents' relational satisfaction as a function of coparental communication in stepfamilies.** Journal of Social and Personal Relationships, v. 28, nº 7, p. 983-1004, 2011.

SCHRODT, P. & BRAITHWAITE, D. O. **Coparental communication satisfaction, and mental health in stepfamilies..** Personal Relationships, 18, p. 352-369, 2011.

SILVA, P. O. M., TRINDADE, Z. A. & SILVA JUNIOR, A. **As representações sociais da conjugalidade entre casais recasados.** Estudos de Psicologia, v. 17, nº 3, p. 435-443, 2012.

SOARES, L. C. E. **A família com padrasto e/ou madrasta: um panorama.** In: L. M. T. Brito, L. M. T. (Org.). Famílias e separações: perspectiva da psicologia jurídica. Rio de Janeiro: UERJ, p. 81-112, 2008.

SOARES, L. C. E. **No fogo cruzado: desafios e vivências de pais e mães recasados.** Dissertação de mestrado. Instituto de Psicologia. Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), 2009.

SOUZA, C. L. C. & BENETTI, S. P. C. **Paternidade contemporânea: levantamento da produção acadêmica no período de 2000 a 2007.** Paideia, v. 19, nº 42, p. 97-106, 2009.

SUANET, B., VAN DER PAS, S. & VAN TILBURG, T. G. **Who is in the stepfamily? Change in stepparents' family boundaries between 1992 and 2009.** Journal of Marriage and Family, 75, p. 1070-1083, 2013.

SWEENEY, M. M. **Remarriage and stepfamilies: strategic sites for family scholarship in the 21st century.** Journal of Marriage and Family, v.72, nº 3, P.667-684, 2010.

TADEU DA SILVA, P. S. **Percepção da conjugalidade por casados e recasados. A inelutável comparação.** Dissertação de Mestrado em Psicologia Clínica, Universidade de Coimbra, Portugal, 2012.

TEIXEIRA, L. **Regras, rotinas e rituais nas famílias reconstituídas.** Dissertação de mestrado em Educação e Desenvolvimento Humano, Universidade Católica Portuguesa, Porto, 2014.

VALENTIM DE SOUSA, D. H. A. & DIAS, C. M. S. B. **Recasamento: percepções e vivências dos filhos do primeiro casamento.** Estudos de Psicologia, Campinas, v. 31, nº 2, p. 191-201, 2014.

VAN EGEREN, L. A. & HAWKINS, D. P. **Coming to terms with coparenting: implications of definition and measurement.** Journal of Adult Development, 11, v. 3, p. 165-178, 2004.

VELHO, G. **Individualismo e cultura.** Rio de Janeiro: Zahar, 1987.

WAGNER, A. **Possibilidades e potencialidades da família: a construção de novos arranjos a partir do recasamento.** In: Wagner, a. (Org.). Família em cena: tramas, dramas e transformações, p.23-38. Rio de Janeiro: Vozes, 2002.

WAGNER, A. FALCKE, D. & MOSMANN, C. P. **Viver a dois: uma proposta de intervenção psicoeducativa na conjugalidade.** In: Féres-Carneiro, T. (Org.). Família e casal: parentalidade e filiação em diferentes contextos. Rio de Janeiro: Editora PUC, p.149-163, 2015.

WAGNER, A. & FÉRES-CARNEIRO, T. **O recasamento e a representação gráfica da família.** Temas em Psicologia, Vol. 8, nº 1, p. 11-19, 2000.

WAGNER, A. & LEVANDOWSKI, D. C. **Sentir-se bem em família: um desafio frente à diversidade.** Revista Textos & Contextos, Porto Alegre, Vol. 7, nº 1, p. 88-97, 2008.

WAGNER, A. & MOSMANN, C. **A promoção da qualidade conjugal como uma estratégia de proteção aos filhos.** In: Féres-Carneiro, T. (Org.). Casal e família: permanências e rupturas. Rio de Janeiro: Casa do Psicólogo, p. 169-180, 2009.

WAGNER, A. & SARRIERA, J. C. **Características do relacionamento dos adolescentes em famílias originais e reconstituídas.** In: FÉRES-CARNEIRO (Org.). Casal e família: entre a tradição e a transformação. Rio de Janeiro: NAU, p. 15-28, 1999.

WAGNER, A., TRONCO, C. & ARMANI, A. B. **Os desafios da família contemporânea: revisitando conceitos.** In: A. Wagner (Cols.). Desafios psicossociais da família contemporânea. Porto Alegre: Artmed, p. 19-35, 2011.

WARPECHOWSKI, A. & MOSSMANN, C. **A experiência da paternidade frente à separação conjugal: sentimentos e percepções.** Temas em Psicologia, Vol. 20, nº 1, p. 247-260, 2012.

WEAVER, S. E. & COLEMAN, M. **A mothering but not a mother role: a grounded theory study of the nonresidential stepmother role.** Journal of Social and Personal Relationships, Vol. 22, nº 4, p. 477-497, 2005.

ZIVIANI, C. FÉRES-CARNEIRO, T. & MAGALHÃES, A. S. **Pai e mãe na conjugalidade: aspectos conceituais e validação de construto.** Paideia, Vol. 22, nº 52, p. 165-175, 2012.

8.

ANEXO I: PERFIL DAS PARTICIPANTES

Tabela 1

Características biográficas das madrastas entrevistadas

Madrasta	Idade	Tempo de recasamento		Enteado		Filho	
		(em anos)	Número	Idade	Número	Idade	
M1	34	8	1	17	1	1	
M2	43	7	1	11	1	3	
M3	43	3	3	27; 20; 15	2	11; 3	
M4	39	6	1	13	2	5; 3	
M5	28	9	1	12	-	-	
M6	40	2	5	31; 30; 16; 15; 9	-	-	
M7	36	2	1	13	1	1	
M8	38	3	1	12	-	-	
M9	28	6	2	16; 10	1	1	
M10	38	14	2	24; 15	1	11	
M11	41	8	2	16; 11	-	-	
M12	31	5	1	15	1	1	
M13	37	6	2	17; 15	1	2	
M14	39	7	1	17	1	2	
M15	37	11	1	12	-	-	
M16	35	4	1	7	1	1	

ANEXO II: ROTEIRO DAS ENTREVISTAS

1. O EXERCÍCIO DA PARENTALIDADE

- * O que é ser madrasta/mãe para você?
- * Como você definiria o seu relacionamento com os seus enteados? Como vocês se conheceram?
- * Quais são as suas responsabilidades para com seus enteados?
- * Que lugar você acha que ocupa na sua família?
- * Como você participa da educação dos seus enteados?
- * Como são estabelecidos os limites e as regras na sua casa?
- * Quem repreende quando as regras não são cumpridas?
- * Como é o seu relacionamento com o pai/mãe do seu enteado?

2. DINÂMICA FAMILIAR

- * Quem você considera da sua família?
- * Como é o dia-a-dia de vocês (semana e fim de semana)?
- * Como é a divisão das tarefas da casa?
- * Como é a divisão das despesas da casa? (O pai e mãe biológicos participam das despesas?)
- * Como são os eventos e as celebrações na sua família (Natal, aniversários, festas escolares)?
- * Como vocês se chamam?

3. A VIVÊNCIA DA CONJUGALIDADE

- * Como é para você ter uma família recasada?
- * Como você se sente nesta família? Quais as suas expectativas quanto à relação atual?
- * Como você percebe a sua relação atual?
- * Como são os programas que vocês fazem? Há programas com os enteados e filhos? Há programas só do casal? Como é a rede de apoio de vocês?
- * Como vocês conciliam as atividades do casal com as atividades que envolvem os enteados?
- * Se você fosse dar uma recomendação a alguém que fosse recasar, o que você diria?

ANEXO III: Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

Instituição de origem: Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro

Título da pesquisa: Conjugalidade e parentalidade no recasamento: narrativas das madrastas

Doutoranda: Cristina Ribeiro Teixeira Dantas

e-mail: c.r.dantas@hotmail.com tel. (21) 97185-0035

Orientadora: Professora Terezinha Féres-Carneiro

e-mail: teferca@puc-rio.br tel. (21) 99111-0180

Com este trabalho de pesquisa pretendemos investigar a vivência de madrastas acerca da conjugalidade e da parentalidade, no recasamento.

A pesquisa é realizada a partir de uma entrevista gravada e, posteriormente, transcrita, permanecendo sob a responsabilidade da pesquisadora todo e qualquer dado de identificação. Todas as informações têm caráter confidencial, portanto sua identidade será mantida em sigilo.

Sua participação é voluntária, estando livre para interromper a entrevista quando assim desejar; fazer as perguntas que julgar necessárias; recusar-se a responder perguntas ou falar de assuntos que lhe possam causar qualquer tipo de constrangimento. A retirada do consentimento em participar da pesquisa pode acontecer sem nenhuma penalização para você. A participação na pesquisa não trará nenhum dano à sua saúde física e emocional

Com sua adesão, você está contribuindo para conhecermos mais sobre a vivência da conjugalidade e o exercício das funções parentais, no recasamento.

Assinando este formulário de consentimento, você estará autorizando a pesquisadora a utilizar, em ensino, pesquisa e publicação, as informações prestadas na entrevista, sendo preservada a identidade dos membros da família.

Eu, tendo lido os esclarecimentos sobre a pesquisa acima mencionada, autorizo a pesquisadora a realizar a entrevista e a utilizar os dados da mesma em ensino, pesquisa e publicação, sendo preservada a identidade dos membros da família.

Assinatura do participante

Assinatura da pesquisadora

Rio de Janeiro, ___/___/___

ANEXO IV: Ficha de Avaliação Biográfica

Idade: _____ anos.

Profissão: _____.

Escolaridade:Ensino Médio (2º grau) completo Ensino Superior (Universidade) incompleto completo Curso: _____.Especialização Mestrado Doutorado **Constituição familiar:**

Cônjuge- Idade _____ anos.

Profissão: _____.

Tempo de recasamento: _____ anos.

Tempo entre a separação do marido e o recasamento: _____ meses/anos

Filhos:

(Verificar se os filhos são deste recasamento ou de casamento anterior)

F M idade _____F M idade _____F M idade _____F M idade _____F M idade _____

Enteados:

(Verificar quantos enteados moram com a madrasta e se eles são filhos da mesma mãe)

F M idade _____F M idade _____F M idade _____F M idade _____